

Um retrato pungente da Revolução Francesa



Assim pode ser descrito o livro *O Espírito da Revolução*, de Saint-Just, lançado há pouco pela Editora UNESP. Pág. 8.



Consolidação do estatuto começa a mudar a UNESP

O estatuto começa, efetivamente, a mudar a Universidade. No último dia 15 de junho foram aprovadas, pelo Conselho Universitário, as normas para a instalação das coordenações de cursos de graduação que, se-

gundo expectativas, prometem trazer grandes benefícios ao ensino. Além disso, desde o mês passado estão sendo realizadas, em todas as unidades, eleições para os representantes dos colegiados acadêmicos. Pág. 4.



Captação de recursos externos e bolsas de graduação, assuntos que foram tema de discussões em dois eventos

No final do mês de junho, foi organizado, na FUNDAP, em São Paulo, um seminário para se discutir as diversas formas de captação de recursos para os projetos da Universidade. Destinado principalmente à comunidade científica da UNESP, o seminário contou com representantes de órgãos governamentais que apóiam a ciência e tecnologia no país.

Ainda no mesmo mês, foi realizado, na Reitoria, o "1º Simpósio de Apoio a Bolsas de Graduação", com a participação de docentes de várias universidades. Nesse simpósio, o enfoque principal foi o Programa Especial de Treinamento (PET), bolsas concedidas pela CAPES para iniciação científica dos estudantes. Pág. 5

Historiador cubano debate com professores



De passagem pelo Brasil, o historiador cubano Manuel Moreno Friginals (foto) participou de um longo debate com professores universitários na Fundunesp, do qual publicamos alguns excertos. Págs. 6 e 7

OPINIÃO

Remodelação político-administrativa
Pág. 3

RDIDP: opção e responsabilidade
Pág. 11

Participação, participações
Pág. 11

"Projeto Cascavel" inaugura serpentário

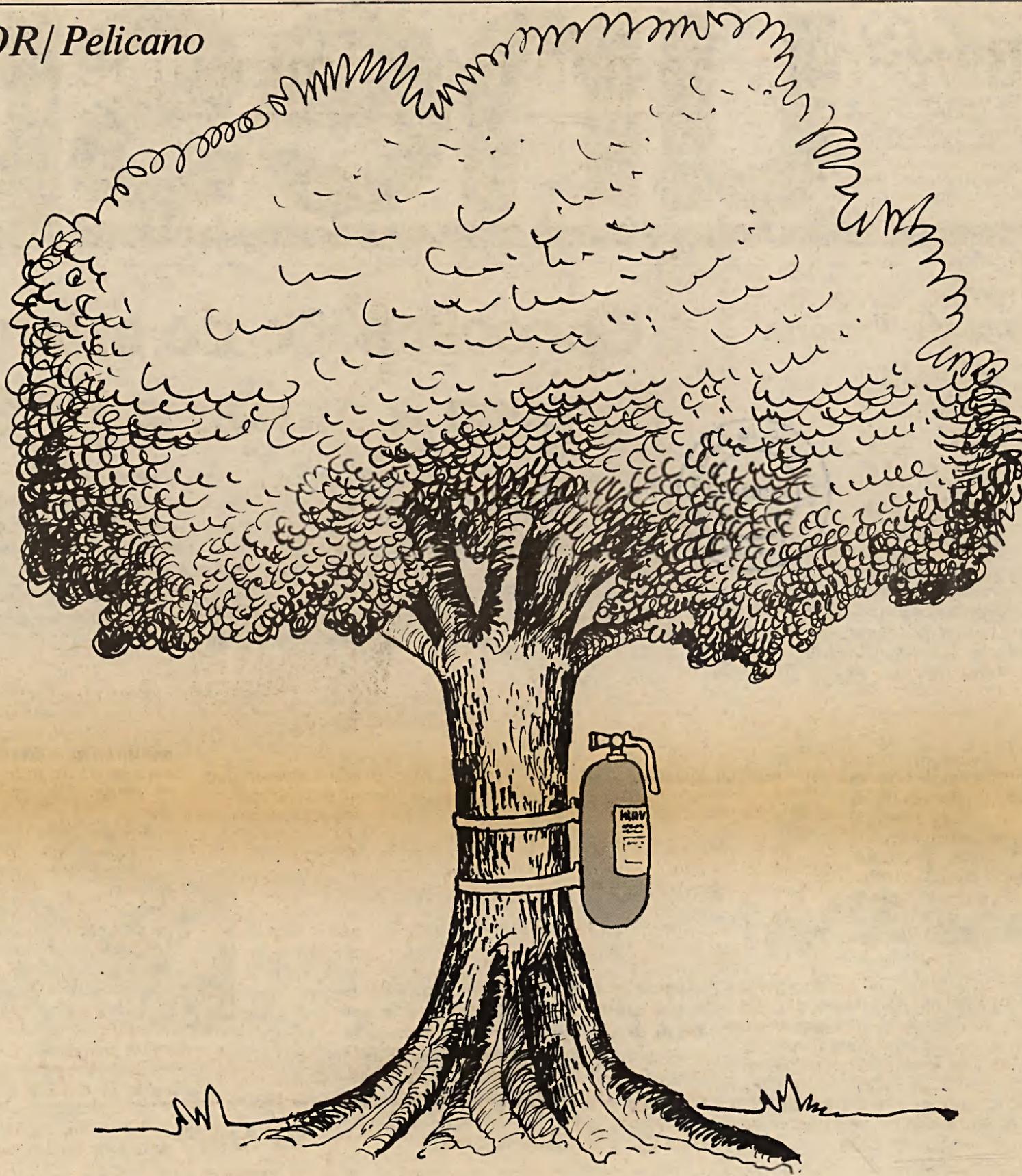


Para melhor estudar os hábitos e os efeitos do veneno da cascavel, o Departamento de Moléstias Infecciosas e Parasitárias da Faculdade de Medicina de Botucatu criou o "Projeto Cascavel". Pág. 9

Parasitologista de Jaboticabal descobre "anticoncepcional" para carrapatos

Batizada de DPVE-20, a droga induz as carrapatos a colocarem ovos sem larvas e podem revolucionar o combate a estes ácaros. Pág. 9

HUMOR/Pelicano



unesp 

Universidade Estadual Paulista

Reitoria: Praça da Sé, 108 — CEP 01001 — São Paulo, SP.

Campus Universitários: Aracatuba, Araraquara, Assis, Bauru, Botucatu, Franca, Guaratinguetá, Ilha Solteira, Jaboticabal, Marília, Presidente Prudente, Rio Claro, São José dos Campos, São José do Rio Preto e São Paulo.

Autarquia Vinculada: Centro Estadual de Educação Tecnológica "Paula Souza" (Faculdade de Tecnologia — FATEC — de Americana, Baixada Santista, São Paulo e Sorocaba).

Outras Unidades: Instituto de Física Teórica (São Paulo) e Instituto de Pesquisas Meteorológicas (Bauru).

CONSELHO UNIVERSITÁRIO

Reitor: Paulo Milton Barbosa Landim
Vice-reitor e pró-reitor de Administração e Desenvolvimento: Arthur Roquete de Macedo

Pró-reitor de Graduação: Antônio Cesar Perri de Carvalho

Pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa: Antônio Manoel dos Santos Silva

Pró-reitor de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários: Carlos Ruggiero

Diretores das Unidades Universitárias: Acyr Lima de Castro, Antenor Araújo, Antônio Espada Filho, Antônio Carlos Massabni, Antônio Quelce Salgado, Bruno Mancini, Carminda da Cruz Landim, Cecílio Linder, Cezar Piedade Júnior, Dinah Borges de Almeida, Fernando Mesquita Lara, Flávio Abranches Pinheiro, Irineu Bicudo, Irineu de Moura, Jayme Wanderlei Gasparoto, Joji Arikí, José Enio Casalecchi, José Ribeiro Júnior, Lourival Larini, Márcio Rubens Kuchembuck, Marcos Alegre, Nelson Múrcia, Tatsuko Sakima e Telmo Correia Arrais.

Representantes Docentes: Almir Lima de Castro, Élcio Marcantônio, Jehud Bortolozzi, Manoel Lelo Bellotto e Roberto Ribeiro Bazilli (titulares); Anna Maria Martinez Corrêa, Antônio Carlos Busoli, Izidoro Antônio Pescinini, Maria Amélia Máximo de Araújo e Oisenyl José Tamega (adjuntos); Célio Raimundo Machado, Cláudio A. Rabello Coelho, José Perozin, Maria Cecília Mattoso Ramos e Paulo Magalhães Filho (assistentes doutores); Dib Ge-

bara, Maria Encarnação Beltrão Spósito, Myrna Therezinha Rossi Rego, Reynúncio Napoleão de Lima e Sérgio Amâncio Cruz (assistentes); Alfredo Alcântara Barreto, Mieko Kimura, Petrônio Massanobu Tanisho, Ronele Maria de Souza Pina e Silvana Aparecida Gregório (auxiliares de ensino).

Representantes Técnico-administrativos: Adauto José da Silva, Aírton Camplesi, Benedito Carlos Piveta, Gessé Gerardi, João Pedro Pagotto, Jose Munhoz Fernandes, Luiz Gonçalves Rodrigues, Maria da Piedade Peixoto Santos, Marisa Nunes Galvão, Reinaldo Teixeira de Oliveira e Waldemar Pessoa da Cruz.

Representantes Discentes: Alexandre Salino, Audinei Carlos das Neves, Celso Meirelles Caseh, César Augusto Moreira, Francisco Sérgio Bernardes Ladeira, Júlio Sérgio Aires de Almeida, Márcio José Cicogna Gimenez, Maria Júlia Azevedo Gouveia, Ricardo Cirelli Neto, Roberto Sampaio Gândara Júnior e Sérgio Marrone Ribeiro.

CEETPS: Oduvaldo Vendrameto

FAESP: José João Auad Júnior

FIESP: Horácio Lafer Piva

FCESP: Abram Szajman

Este jornal, órgão da Reitoria da UNESP, é elaborado pela Assessoria de Comunicação e Imprensa.

Endereço: Praça da Sé, 108, 4º andar (CEP 01001) São Paulo, SP. Telefones: 32-7755 e 32-7757.

Editor responsável: José Roberto Ferreira (MT 17.039)

Editor: Paulo Velloso

Redação: Adriana Machado, Denise Pellegrini Montes

Editor de Arte: Celso Pupo

Assistente de Arte: Alvaro Yoshitaka Omine

Produção: José Luiz Redini

Tiragem: 19.000 exemplares

Composição, Fotelito e Impressão: Cia. Editora Jorues.

A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citada a fonte.



Remodelação político-administrativa

“Essas correspondências tomam um peso maior no mundo contemporâneo devido a um movimento duplo que aproxima cada vez mais as organizações e a sociedade global. De um lado, a evolução das organizações no sentido de desenvolver formas de relações humanas mais abertas e mais tolerantes tende a torná-las verdadeiras sociedades políticas. De outro, a sociedade global suscita cada vez mais o desenvolvimento de subsistemas organizados, no interior dos quais o controle social se exprime através de decisões cada vez mais conscientes.

(Michel Crozier, A Sociedade Bloqueada).

Aprovado pelo Conselho Universitário, está sendo implantado na Reitoria um novo modelo político-administrativo.

É um modelo que tanto altera a situação presente como projeta desdobramentos futuros devido às próprias potencialidades e aos princípios com que foi concebido: tanto estes quanto aquelas estimulam a adaptabilidade, o ajustamento, de cada parte, aspecto ou elemento do conjunto, de cada órgão e até de cada funcionário.

Não se trata, propriamente falando, de simples alterações de funções e, mesmo, de órgãos ou de rol de competências numa dada estrutura administrativa que permanece, na sua essência, inalterada; não se trata dos costumeiros deslocamentos no interior de uma mesma máquina administrativa. Pelo contrário, o que está ocorrendo representa verdadeiro processo de mudança que atinge os centros decisórios, os mecanismos de comando; portanto, a própria estrutura do poder na Universidade. Daí o motivo pelo qual é mais correto falar em remodelação, de um lado, e em político-administrativa, de outro; parece-nos claro que estamos diante de algo que não pode ser denominado de, simplesmente, reforma administrativa. (Entre parêntesis, não devemos nos esquecer que essa proposta de remodelação representa a realização de compromisso assumido na plataforma da atual administração da UNESP: “A administração central da Universidade deve exercer basicamente funções de planejamento, coordenação, assessoria. (...) Executar a reforma da estrutura administrativa da Reitoria de modo a transferir mais autoridade e responsabilidade às Unidades Universitárias.” “Modernização, descentralização e otimização da administração na Universidade.”)

Uma visão geral do que está ocorrendo com a estrutura administrativa da Reitoria revela tanto substituição e concentração quanto criação de órgãos, ao lado de alterações em inúmeras funções. Desta



que especial merece a criação das Pró-Reitorias; neste caso, apenas para mostrar que, atualmente, o reitor conta com o auxílio, mediante sadia divisão do trabalho acadêmico-administrativo da Universidade, de quatro fortes braços executivos. Antecipemos, já aqui, outra mudança profundamente significativa que, também, considera o formato multicampus da UNESP: a criação dos Núcleos Regionais, cujos presidentes serão outros tantos pró-reitores (regionais).

É dessa perspectiva que devemos entender o sentido mais forte da remodelação. Está claro, para todos nós, o sentido da sensível diminuição do número de unidades administrativas da Reitoria: de 106 para 55 unidades, verdadeira luta contra o gigantismo da administração central. Ao nosso ver, entretanto, esse aspecto quantitativo é menos importante do que as mudanças qualitativas introduzidas.

Com efeito, entre estas devemos mencionar o fenômeno da desconcentração do poder acadêmico-administrativo. A desconcentração já está sendo enfrentada na sua primeira fase — é bom insistir, na primeira fase —, pelo deslocamento de grande parte da execução — as chamadas decisões operacionais —, para as Unidades Universitárias; aliás, estas já vinham realizando quase todo o trabalho executivo, mas que dependia, até então, para chegar a termo, de uma longa tramitação nos órgãos da administração cen-

tral. É preciso não esquecer que, além disso, um outro passo está virtualmente embutido no processo de desconcentração acadêmico-administrativa, pela aplicação do princípio segundo o qual quem faz, obedece. Por esse princípio, buscase uma situação de relativo equilíbrio normativo entre a Reitoria e as Unidades Universitárias (e, proximoamente, com os Núcleos Regionais); optou-se, portanto, pela orientação que rompe com o esquema segundo o qual uns pensam, estabelecem normas, enquanto outros executam, cumprem.

Os novos rumos, indiscutivelmente, refletem o imperativo da autonomia, que contém em si, ou como contrapartida, tanto a noção de respeito mútuo quanto a de distribuição de responsabilidades. O que, por sua vez, estimula a formulação de modelos alternativos de administração, quer na própria Reitoria, quer em cada Unidade Universitária ou agrupamento destas (Núcleos Regionais). Ao rejeitar modelos únicos de gestão administrativa e acadêmica, poderão surgir até alternativas de modelos que configurem verdadeiros subsistemas; neste, como em outros casos, continuamos a preparar o que, talvez, seja o futuro desenvolvimento de nossa Universidade.

Nesta fase em que estamos, é extremamente grande o peso que tem o aperfeiçoamento contínuo do planejamento, que deve ser cada vez mais rigoroso. As responsabilidades aumentaram com a nova for-

ma de autonomia universitária, que exige um redobrado esforço com o objetivo de sedimentar o planejamento estratégico na Universidade.

Da remodelação político-administrativa da Reitoria da UNESP esperamos o desenvolvimento de um novo estilo de ação que desobstrua a convivência universitária, diminuindo a força, ou mesmo eliminando, o mero verbalismo sobre mudanças, bem como a dissimulação, o medo do confronto, a concepção rígida e hierárquica da autoridade. É por esse caminho que será, de um lado, possível reduzir barreiras aos processos inovadores, enquanto que, de outro, exigirá, com certeza, tanto o incentivo aos grupos de trabalho informais — um bom antídoto ao rígido estilo hierárquico — quanto a investida contra as feudalidades administrativas, com seus variados mecanismos de cooptação, de cumplicidades, que lembram bem as características do sistema coronelista (o antigo e, também, o modernizado). Assim, é toda uma cultura da organização que precisa ser repensada e modificada; por isso mesmo, podemos enxergar na remodelação político-administrativa, o desencadeamento de um verdadeiro processo de mudança cultural provocada. Evidentemente, este processo exige não só novos fluxogramas, de orientação desbloqueadora, até para diminuir a distância entre os que tomam decisões e os que são por estas afetados, como, igualmente, reclama o surgimento de novas modalidades nas relações humanas, novas formas de participação, que implicam suspender possíveis limitações à informação e à comunicação. Em suma, há necessidade, intransferível, de processar-se a renovação do aprendizado institucional, de indivíduos e de grupos.

Eis aí a grande tarefa de todos nós: dos funcionários, dos professores, dos alunos; de todos nós, primeiramente de cada um de nós. Trata-se, sem dúvida, de mudanças na personalidade individual, concomitantemente às mudanças na personalidade da instituição unespiana como um todo, agora, sem qualquer sinal de dicotomização entre meios e fins — por tudo isso, não estamos diante de uma simples reforma administrativa, mas de uma remodelação político-administrativa da Reitoria da UNESP e, por consequência, de toda a Universidade.

“Há os que procuram fazer com que as coisas aconteçam, há os que observam tudo o que acontece e há os que nem sabem o que está acontecendo.” A nossa expectativa, levando em conta essa classificação de Millôr, é a de que o maior número de unespianos estejam entre os do primeiro grupo.

Coordenação de curso, para melhorar o ensino

A criação da Coordenação de Cursos de Graduação garantirá a estrutura e o funcionamento de cada curso

Dentre as regras estabelecidas pelo novo estatuto, no que diz respeito ao ensino, está a instituição da Coordenação de Cursos de Graduação, como já existia nos cursos ou áreas da pós-graduação. Essa Coordenação tem a função básica de garantir a adequação da estrutura e do funcionamento de cada curso ao nível e à natureza da formação que se pretende transmitir. Para que as coordenações possam ser efetivamente instaladas, o Conselho Universitário (C.O.) aprovou, no último dia 15 de junho, sua organização, competência, forma de escolha e mandato de seus integrantes, entre outras normas.

A resolução, baixada pelo reitor Paulo Milton Barbosa Landim, em 19 de junho, determina que a coordenação das atividades de cada um dos cursos será exercida, em cada unidade, por um Conselho de Curso de Graduação, presidido pelo coordenador de curso. Esse Conselho deve estabelecer, acompanhar e avaliar a proposta pedagógica de cada curso, programar atividades complementares a fim de enriquecer a proposta pedagógica e a reflexão sobre questões de ensino, promover estudos sobre o perfil dos alunos e acompanhar seu desempenho, efetuar avaliações de cursos, considerando tanto o aproveitamento dos alunos quanto o desempenho dos docentes, e propor a criação, extinção e alteração

de disciplinas e número de vagas, entre outras atribuições. Caberá à Congregação estabelecer a composição do Conselho de Curso e a forma de escolha de seus membros, inclusive coordenadores e subcoordenadores e seus mandatos, obedecendo ao prazo máximo de dois anos de duração.

Para o professor Acyr Lima de Castro, diretor da Faculdade de Odontologia (FO) do campus de Araçatuba, a instituição da Coordenação de Cursos de Graduação "trará grandes benefícios ao ensino". Segundo ele, "a Coordenação poderá verificar melhor o conteúdo programático dos cursos e os critérios de avaliação para o aluno e também para o docente".

De acordo com o professor Jayme Wanderley Gasparoto, diretor da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), campus de Marília, o grande problema, nesse sentido, tem sido a dificuldade em se discutir programas de cursos dentro do departamento. "Os departamentos se burocratizaram e as questões de ensino acabaram ficando em segundo plano", afirma. "E o maior mérito da Coordenação é justamente o sentido iminentemente pedagógico conferido ao Conselho, ao mesmo tempo em que descaracteriza a burocracia nos cursos", finaliza.



Professor Acyr: benefícios ao ensino



Professor Gasparoto: sem burocracia

A Universidade elege colegiados

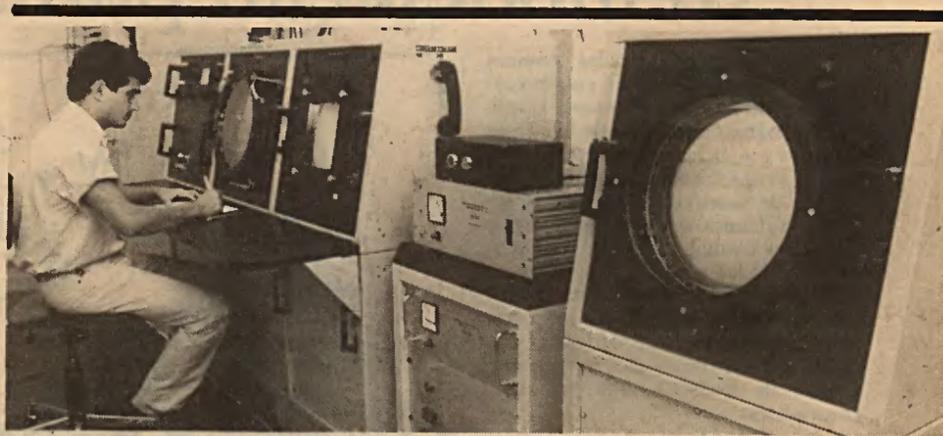
Estão sendo realizadas, em toda a Universidade, eleições para representantes junto aos colegiados superiores. Estes colegiados deverão ser instalados no prazo máximo de 180 dias, a contar de 21 de fevereiro último, data em que entrou em vigor o novo estatuto. Devem ser escolhidos novos membros para o Conselho Universitário (C.O.), Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão Universitária (CEPE), Conselho de Administração e Desenvolvimento (CADE) e para as Comissões Centrais de Graduação (CCG), Pós-graduação e Pesquisa (CCPG) e de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários (CCEU).

Para isso, o C.O. estabeleceu diversas normas, consubstanciadas em resolução do dia 9 de maio. O documento menciona que as eleições devem ser realizadas na Reitoria e nas unidades universitárias, e coordenadas por comissões eleitorais designadas pelo reitor ou diretor de unidade, conforme o caso. Serão eleitos os candidatos que obtiverem maioria simples de votos, obedecido um quorum superior a 50% de comparecimento às urnas. Todos os resultados serão encaminhados à Secretaria Geral, que efetuará o cômputo final.

Conforme determina o calendário eleitoral, os representantes docentes para o C.O.,

CADE, CCG, CCPG, CCEU foram eleitos, por seus pares, durante os dias 22 e 23 de junho. Os representantes técnico-administrativos para os mesmos colegiados serão eleitos durante os dias 25 e 26 de julho. Os discentes deverão ser indicados pelo Diretório Central dos Estudantes "Helenira Rezende" até o dia 15 de agosto. Os representantes da FAPESP, das Associações Patronais e do DIEESE, que farão parte do C.O., deverão ser indicados em processos externos à Universidade, também até o dia 15 de agosto. Os colegiados em cuja composição figurem representantes dos Núcleos Regionais, como C.O., CEPE e CADE, serão compostos mesmo sem esses elementos, já que esses núcleos têm um prazo de 360 dias para serem instalados.

Ao mesmo tempo em que ocorrem eleições para os colegiados superiores, estão sendo realizadas votações para os colegiados de cada unidade. Com calendários independentes, estão sendo escolhidos, em todos os campus, os membros das Coordenações de Cursos de Graduação (veja matéria acima), dos Conselhos de Departamento, das Congregações e das Comissões de Ensino, de Pesquisa e de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários.



O IPeMet, de Bauru: desenvolvimento de estudos e pesquisas nas áreas das ciências do mar

Cooperação científica e captação de recursos, meta destes convênios

Neste primeiro semestre, a UNESP firmou uma série de convênios com instituições nacionais e internacionais. Em sua maioria, esses convênios — dezesseis, ao todo — vieram sob a forma de cooperação técnico-científica, aperfeiçoamento em recursos humanos e captação de recursos para projetos específicos. Abaixo, os detalhes de cada um desses convênios:

- Com o Ministério da Marinha/Instituto de Estudos do Mar Almirante Paulo Moreira, para, juntamente com o Instituto de Pesquisas Meteorológicas (IPeMet) do campus de Bauru, desenvolver estudos e pesquisas nas áreas das ciências do mar, através de equipes interinstitucionais, visando à formação de novos pesquisadores.

- Com a Universidade Livre de Berlim (República Federal da Alemanha), para, através de seu Instituto de Bioquímica e o Instituto de Biociências do campus de Botucatu, se incentivar a visita recíproca de docentes e pesquisadores e, desta maneira, possibilitar a participação nas atividades científicas e de pós-graduação correspondentes.

- Com a Fachhochschule Darmstadt (República Federal da Alemanha), para, através do Departamento de Engenharia Elétrica, desenvolver, junto à Faculdade de Engenharia do campus de Guaratinguetá, projetos de pesquisa, assessoramento, cooperação técnico-científica e o aperfeiçoamento em recursos humanos no campo da Engenharia.

- Com o Institut D'Élevage et de Médecine Vétérinaire des pays tropicaux, de Maisons-Alfort, França, objetivando estabelecer um programa de cooperação e intercâmbio didático-científico entre seus cursos ligados à Medicina Veterinária, especialmente com docentes e alunos de pós-graduação da FCAV-campus de Jaboticabal.

- Com o Ministério das Minas e Energia, visando à elaboração conjunta, por parte do Departamento Nacional da Produção Mineral e o IGCE-campus de Rio Claro, dos mapas metalogenéticos e de previsão de recursos minerais dos Estados de São Paulo e Paraná, na escala 1:1.000.000.

- Com a Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico, que repassará à FCL-campus de Araraquara o montante de NCz\$ 15.648,00 para a realização do projeto "Doença Mental e Sociedade".

- Com a Fundação Faculdade de Agronomia "Luiz Meneghel", para o estabelecimento de um programa mútuo de apoio técnico-científico-educacional com a FCAV-campus de Jaboticabal.

- Com a Universidade Federal de São Carlos, para a cooperação mútua em assuntos técni-

cos e científicos, com o propósito de propiciar e assegurar a expansão quantitativa e qualitativa no campo do ensino, da pesquisa, da extensão, da administração universitária e da capacitação de pessoal, nas áreas da Química e da Engenharia Química.

- Com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, para, com recursos do Fundo de Investimento Social — FINSOCIAL —, executar a construção de um hemocentro em Botucatu. Este convênio, que faz parte do programa Estadual de Sangue e Hemoderivados, intermediado pela Secretaria de Estado da Saúde, beneficia ainda a UNICAMP, a Fundação Municipal de Ensino Superior de Marília e o Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto.

- Com a Prefeitura Municipal de Jaboticabal, para criar condições favoráveis à execução, pela FCAV, de projetos específicos em colaboração conjunta.

- Com a Autarquia Municipal de Esportes de Presidente Prudente, objetivando dar condições a alunos do curso de Fisioterapia da FCT - campus de Presidente Prudente, para realização de estágios.

- Com a Prefeitura Municipal de Araçatuba, para que a Faculdade de Odontologia desse campus dê assistência para o planejamento, supervisão e desenvolvimento de programas de saúde bucal, de saúde pública e de extensão de serviços à comunidade do município.

- Com a Prefeitura de Itápolis, visando à instalação e funcionamento, nessa cidade, de um posto do Centro de Manejo Integrado de Pragas (CEMIP), cuja sede é na FCAV - campus de Jaboticabal.

- Com a Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), para o beneficiamento de três projetos de pesquisa. Dois deles pertencem ao IGCE — campus de Rio Claro, e receberam recursos através do Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico — PADCT: "Estudo comparativo de dados químicos e de tipologia de zircão em rocha granitoides", cujo montante é NCz\$ 91.664.343,00; e para o projeto "Gravimetria e Geotectônica no sul de Minas Gerais", NCz\$ 71.611.225,00. Pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico — FNDCT —, para beneficiar o projeto "Materiais cerâmicos com funções eletrônicas" do Instituto de Química do campus de Araraquara, o valor é de NCz\$ 152.349,64.

- Com a Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que, através dos Programas Institucional de Capacitação de Docentes (PICD) e de Demanda Social, concedeu, respectivamente, 333 e 277 bolsas de estudos no país ao nível de pós-doutorado, doutorado, mestrado e/ou especialização/aperfeiçoamento.

Seminário orienta na captação de recursos

Promovido pela Fundap, o seminário teve como público alvo a comunidade científica da UNESP, principalmente os membros da Comissão de Assessoramento técnico-científico para captação de recursos extra-orçamentários

A elaboração e apresentação de projetos de pesquisa e convênios com financiamento de instituições nacionais e internacionais foi o motivo da realização, nos dias 26, 27 e 28 de junho, de um seminário na Fundação de Desenvolvimento Administrativo — FUN-DAP, em São Paulo. Organizado pela FUN-DAP, com o apoio da Secretaria da Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico, o seminário teve como público alvo a comunidade científica da UNESP, principalmente os membros da Comissão de Assessoramento técnico-científico para captação de recursos extra-orçamentários e seus representantes nas 24 Unidades Universitárias.

O seminário foi aberto, no dia 26, pelo vice-reitor da UNESP, professor Arthur Roquete de Macedo, responsável também pela Pró-Reitoria de Administração e Desenvolvimento, e pelo chefe de Gabinete da Secretaria da Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico, Fernando Galvão. Na oportunidade, o vice-reitor lembrou aos participantes que a questão da captação de recursos externos se coloca atualmente como condição única para o desenvolvimento da Universidade. "Somente através da captação de recursos extra-orçamentários é que poderemos dar um salto qualitativo, já que as finanças são escassas para promover o desenvolvimento desejado e necessário", ponderou.

PALESTRAS

Durante os três dias de seminário, foram proferidas cinco palestras por profissionais ligados a agências financiadoras e a instituições que lidam com cooperação científica e tecnológica. Eles falaram sobre as formas de captação de recursos para o desenvolvimento de projetos.

A primeira palestra versou sobre o tema "Metodologia de elaboração e avaliação de projetos", cujo expositor, professor Edmur Arnaldo Chierregatto, explicou a maneira ideal de se planejar e estruturar um projeto. Chierregatto, que é assessor da diretoria técnica da FUNDAP, detalhou o ciclo total aconselhável pelo qual deve passar um projeto: a idéia, o perfil, o estudo preliminar e de viabilidade, a negociação do financiamento, a avaliação, o planejamento da implantação, a implementação e, por fim, a própria operação. Edmur Chierregatto disse ainda que a forma adequada para a formulação e os critérios de avaliação dos projetos e as instituições envolvidas geralmente não são suficientemente conhecidas pela comunidade científica. "É preciso haver uma conscientização sobre os mecanismos que levam à captação de recursos, aumentando a probabilidade de êxito, já que há uma disputa acirrada por eles, que são escassos", afirmou.

Com o professor Chierregatto concorda o vice-diretor da Faculdade de Ciências Agrônômicas do campus de Botucatu, professor Chukichi Kurozawa, também presente ao evento. "Sem dúvida, é de fundamental importância estarmos bem informados sobre a melhor maneira de apresentarmos nossos projetos às instituições financiadoras", sustentou.

Para a segunda palestra, foi convidado José Rubens Gozzo Pereira, da junta de captação de recursos do Governo do Estado de São Paulo. Entre outras coisas, José Rubens ressaltou que, além dos contatos já mantidos com as instituições para captação de recursos, como o Banco Interamericano de Desen-



Ao lado, o seminário promovido pela Fundap, sobre captação de recursos extra-orçamentários. Acima, a diplomata Carmen Lidia Richter Moura, do Ministério das Relações Exteriores: desejo político de cooperação



FOTOS LILIO CLARETO

volvimento (BID) e o Banco Mundial, uma alternativa seria a UNESP aproximar-se das prefeituras dos municípios onde se localizam seus campus, "Assim, além de as prefeituras terem assegurado com a nova Constituição um aumento da arrecadação dos impostos que deverão ficar em seus cofres, contarão com a importante contribuição da Universidade em suas administrações."

COMUNIDADE ECONÔMICA EUROPEIA

"A cooperação científica e tecnológica com a Comunidade Econômica Européia" (CEE) foi o tema da terceira palestra, proferida por Carmem Lidia Richter Moura, que pertence à área de convênios do Ministério das Relações Exteriores. A diplomata expôs aos participantes a importância do elo criado entre o Brasil e os países da CEE, hoje muito mais intensificado do que com os Estados Unidos. "Há um desejo político de cooperação com o Brasil, que deverá desempenhar um importante papel em 1992, ano previsto para a unificação total da Europa." De acordo com Carmem Moura, no começo deste ano foi realizada uma primeira reunião onde foi formada uma comissão brasileira para cuidar deste intercâmbio. Ela comentou ainda que as áreas de pesquisa que a CEE mais privilegia são a biotecnologia, ciências dos materiais, meio ambiente e ciências do mar.

As mesmas áreas apareceram como prioritárias para o recebimento de financiamento na palestra de Ricardo de Araújo Lima, da Secretaria de Assuntos Internacionais da SEPLAN. Ele enfatizou que, para a Universidade contratar recursos externos, deve estar desenvolvendo pesquisas que sejam consideradas como "pontos de estrangulamento", isto é, que sejam vitais para o crescimento científico e tecnológico do país.

A última palestra do seminário foi "A FINEP e seus mecanismos de financiamento", proferida por Maria Carolina Capistrano, da Diretoria Operativa II, que apresentou detalhes do organograma da FINEP e respondeu a questões referentes ao Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

Simpósio pioneiro debate programas de bolsas para alunos de graduação

Numa iniciativa pioneira no gênero, a UNESP e a Secretaria de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico promoveram, na Reitoria, durante os dias 22 e 23 de junho último, o "1º Simpósio sobre Programas de Apoio a Bolsas de Graduação". O evento, que reuniu 25 participantes, objetivou realizar, dentro da universidade, uma avaliação das bolsas de graduação, tanto de iniciação científica como o Programa Especial de Treinamento (PET).

Aberto pelo reitor Paulo Milton Barbosa Landim, o simpósio foi coordenado pelo pró-reitor de Graduação, professor Antônio César Perri de Carvalho, e pela professora Vera Marisa Miranda Costa, da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) de Araraquara. Entre os participantes, estiveram representantes do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e Fundação do Desenvolvimento Administra-

tivo (FUNDAP), respectivamente, Maria Angélica Moraes, Ângela Santana, Evaristo Neves e Zoara Failla, que expuseram as principais características dos programas oferecidos por suas agências.

O encontro foi enriquecido pelos relatos de docentes da UNESP, USP, Unicamp, UFSCar e PUC-SP, sobre as experiências das instituições a que pertencem com os programas de bolsas e estágios e, em particular, o PET. Para Ângela Moraes, da CAPES, o encontro foi muito gratificante. "Podemos ter um contato maior com os tutores de grupos PET, que são os elementos-chave do sucesso ou fracasso do programa", disse.

Para o professor Perri, o simpósio foi enriquecedor. "Constatamos que os cursos de graduação que estão utilizando as bolsas têm conseguido uma melhoria de qualidade", avaliou ele. Segundo o pró-reitor, o 1º simpósio foi uma experiência pioneira, que suscitou interesses para a sua continuidade, com a organização de outros eventos que incentivem a participação de alunos em bolsas de graduação.



No simpósio, a presença de docentes da UNESP, USP, Unicamp, UFSCar e PUC-SP

LILIO CLARETO

O senhor esteve em Brasília para uma reunião preparativa de um grande projeto para uma coleção sobre a História das Américas e do Caribe, patrocinado pela UNESCO.

Fui convidado, a título pessoal, para fazer parte de um comitê para um projeto sobre História das Américas, que está sendo patrocinado pela UNESCO. Digo a título pessoal, porque nenhum dos convidados — eles serão cerca de 200 — estará ali como representante de seu país, mas sim em função do interesse provocado por seus trabalhos, pelo seu método de análise. Na verdade, havia um projeto inicial, que acabou sendo desdobrado em dois: um sobre o Caribe e outro, sobre as Américas. Isso porque no Caribe inexistia uma consciência americanista. Haverá, no entanto, um comitê comum, com duas ou três pessoas que colaborarão em ambos os projetos. Eu, por exemplo, sou o vice-presidente no projeto do Caribe e o relator no da América.

Como esse projeto procurará se diferenciar de tudo o que já foi escrito sobre a história das Américas e do Caribe?

O projeto História do Caribe está caminhando mais rápido, porém de um modo mais tradicional. Serão, na verdade, cinco volumes de história tradicional. O das Américas, ao contrário, está mais complicado, já que segue outro caminho, bem mais polêmico. Isso, em parte, se deve à presença, no comitê diretor, de German Carrera Damas, o historiador mais polêmico da Venezuela. Ele escreveu um livro extraordinário sobre Bolívar, destruindo o mito. Os venezuelanos por pouco não o mataram por isso. Fomos nós dois, aliás, quem determinamos as linhas gerais do projeto. Em primeiro lugar, ele deverá ser uma história das sociedades. Em segundo, romper com a visão eurocêntrica da historiografia e, ao mesmo tempo, romper com a visão "creolla" de História das Américas, segundo a qual os índios, depois da conquista, perderam sua história e passaram a ser vistos só como "um problema". Acredito que a maior parte da conquista do território americano começou no século XIX, e que precisamos continuar perseguindo a história dos índios e dos negros. Não devemos nos esquecer também que ainda faz parte dessa conquista a penetração do homem moderno na Amazônia. Tudo isso pressupõe duas coisas: um trabalho multidisciplinar, que leve em consideração a história quantitativa — as grandes séries, a demografia histórica — e integre a semiótica, a psicologia social, a antropologia. Tudo isso requer um trabalho coletivo e interdisciplinar, senão o resultado será apenas mais um livro, e não é essa a história que queremos escrever.

Nesse trabalho, vocês estão recorrendo apenas a pesquisadores latino-americanos?

Ao contrário, há historiadores americanos, ingleses, espanhóis, franceses e norte-americanos. É impossível trabalhar sem integrar a visão desses cientistas. O

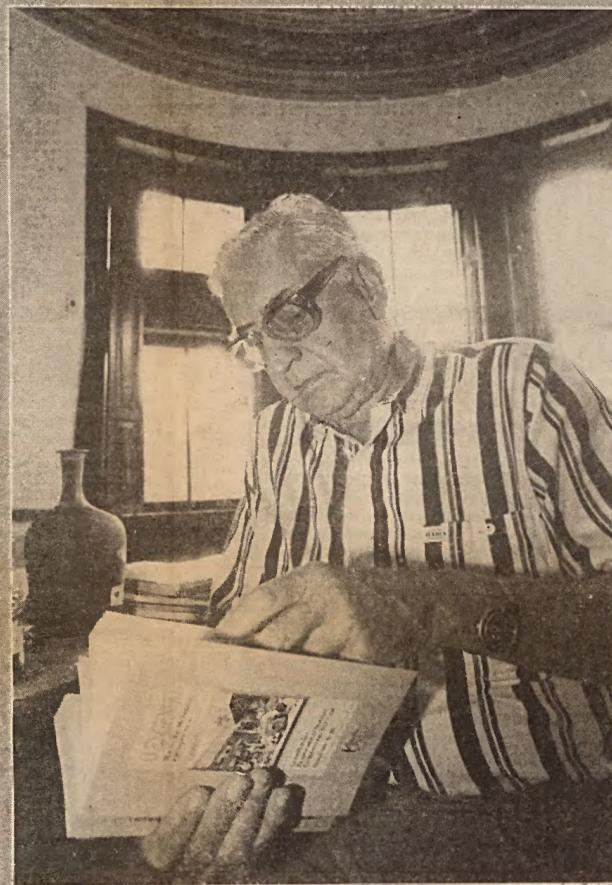
ENTREVISTA:
MANUEL MORENO FRAGINALS

Por uma nova História das Américas

Considerado um dos maiores intelectuais cubanos, o historiador Manuel Moreno Fraginals esteve no Brasil, em maio último, como coordenador de um vasto projeto dedicado a elaborar uma História das Américas e do Caribe. Após rápida passagem por Brasília, ele participou, em São Paulo, de um longo e acalorado debate com um grupo de professores universitários reunidos na Fundunesp — Fundação para o Desenvolvimento da UNESP —, cuja editora lançou há pouco o segundo e terceiro volumes de um de seus livros mais conhecidos e polêmicos, **O Engenho. Complexo Econômico-Social Cubano do Açúcar**, ao qual dedicou 15 anos de trabalho.

Companheiro de "Che" Guevara nos primeiros anos da Revolução, amante do jazz e das viagens, Fraginals exibiu um surpreendente vigor intelectual durante as mais de seis horas em que se bateu por suas idéias. Ao final do encontro, o que restou foi o perfil de um intelectual marxista, antidogmático e pluralista, que rompeu com as tradições historiográficas de seu país e luta hoje pela adoção de normas ágeis e modernas para o estudo da História.

"O dogmatismo é uma planta que se dá mal em solo tropical. Aqui, podemos lançar mão do 'socialismo tchá-tchá-tchá', que os russos jamais entenderão"



LILIO CLARETO

núcleo, porém, é ibero-americano. Há muitos brasileiros no projeto e, provavelmente, outros ainda serão convidados.

Há uma idéia bastante interessante na coleção: a de cada capítulo já conter em si a sua própria crítica...

Sim. Por exemplo, se o diretor de um volume e o autor do artigo discordarem em algum ponto, o primeiro poderá intervir com notas de rodapé, colocando suas discordâncias. Assim, em um mesmo capítulo poderão aparecer diversas interpretações de um mesmo fenômeno. São normas intelectuais entre pessoas civilizadas.

O seu método de trabalho historiográfico afasta-se dos cânones tradicionais da historiografia dita "marxista" ou que, pelo menos, se considera marxista. O senhor recorre aos métodos quantitativos, usando-os como ferramentas para uma análise histórico-marxista. Como o senhor se nomearia?

Costumo dizer que me considero marxista porque não sou dogmático e que não sou dogmático porque sou marxista. Não há nada mais distante do dogma que o marxismo, que é fundamentalmente dialético. Houve uma época em que algumas pessoas pegaram pressupostos teóricos e os aplicaram como se fossem receitas de cozinha, pretendendo escrever a história com eles. Meu grande mestre, Pierre Villal (historiador francês), costumava dizer que Karl Marx foi muito mais precavido e menos atrevido do que seus discípulos, pois não assinalou nenhuma lei histórica infalível, preferindo apontar alguns caminhos para a análise, uma série de tendências que deveriam ser comprovadas mediante pesquisa. Acreditar que a obra de Marx, em todos os seus aspectos, é intocável, como uma Bíblia, não é ser marxista.

Como o senhor pôde conviver com seus pares, adotando uma posição tão pouco conservadora?

É preciso retroceder um pouco na história da revolução cubana para entendermos o florescimento do dogmatismo, comum em todos os processos revolucionários. Como somos tropicais, pudemos lançar mão de uma coisa que os russos, por exemplo, nunca entenderão, que é o "socialismo tchá-tchá-tchá". O dogmatismo é uma planta que se dá mal em solo tropical, o espírito do povo é muito quente e quebra qualquer resistência nesse sentido.

Aliás, o senhor não leciona na Faculdade de História de Havana...

Logo depois da revolução cubana, marxistas com formação sólida eram na verdade uns três ou quatro, que obviamente não tinham tempo para dar aulas na Universidade, ocupados com tarefas muito mais urgentes. Quem fosse dar aulas na Universidade tinha que dar a História de Cuba marxista. O que se fez, então? Im-

portaram-se manuais soviéticos. Foi o que nós chamamos de "etapa do manualismo". Logo isso acabou desmoronando por si mesmo. Esses manuais tinham sido traduzidos pelos russos para o espanhol em 1951, e eram dos anos 30, do pior período stalinista. Estávamos, portanto, lendo, com 30 anos de atraso, algo que não correspondia ao marxismo, mas sim ao dogmatismo. Hoje, esses manuais não se encontram mais nas livrarias, são coisas de museu. Guardei alguns para mim, como documentos de época. Acontece que não se pode improvisar num processo histórico. Estamos vivendo tempos novos em Cuba. Houve uma renovação na historiografia, e há livros publicados que já estão bastante longe dos manuais. A obra do historiador Jorge Ibarra é um exemplo dessas novas aragens. Ele e outros estão exibindo um mundo historiográfico renovado e renovador. O que derruba a idéia de que só se publicam livros dogmáticos em Cuba. Meu Livro, *O Engenho*, não é dogmático e foi publicado sem nenhum problema. Acontece que, para muitas pessoas, é mais fácil ostentar uma aparência dogmática...

Em 1966, quando o senhor escreveu *A História como Arma*, parece ter causado uma grande polêmica...

A História como Arma é meu livro mais surpreendente. Trata-se de um artigo indignado, que se perguntava o que podia fazer uma juventude que se dá conta de que a história que lhe estão ensinando na Universidade é falsa. Na época, eu trabalhava no Ministério do Comércio Exterior e, na verdade, estava mais preocupado com os preços do açúcar e do café. De forma que fiquei bastante surpreso com a repercussão do livro.

Como se deram exatamente os fatos?

Um dia me chamaram na Universidade e o Reitor, que era um grande amigo meu, disse: "Moreno, está havendo um sério problema. Os alunos se amotinaram e disseram que você tem que ir lá e fazer uma conferência, explicar essa história de manipulação de fatos históricos. E o decano da escola disse que, se você for, ele renuncia." Felizmente, não precisei fazer a tal conferência, ninguém renunciou e o incidente acabou se resolvendo sem confrontos. De qualquer forma, o livro foi publicado em diferentes países da América Latina, nos Estados Unidos e na Espanha, onde circulou clandestinamente na época de Franco. Ele teve, ao todo, 150 edições!

Ele provocou a ira de alguns intelectuais mais conservadores...

Na etapa dogmática, os enfrentamentos foram realmente violentos. Mas não devemos confundir problemas com os burocratas e problemas com a revolução. O que não quer dizer que a revolução seja perfeita. Em todos os lugares encontramos luta entre honestos e desonestos, idealistas e oportunistas, pessoas sérias e pessoas não sérias. Mas hoje, em Cuba, já se compreende que o marxismo na América Latina tem a tarefa prioritária de fazer uma recompilação de dados, que Marx não fez

leis científicas, mas estudou realidades históricas. Desde o ano passado já foram introduzidos nos currículos das Universidades os estudos estatísticos e a demografia histórica.

Quais as condições de trabalho para um historiador em Cuba, hoje? Há dinheiro para pesquisas, apoio do Estado...?

A Escola de História e a Universidade de Havana não são os únicos locais onde se ensina História. Eu mesmo, por exemplo, trabalho em um centro, o Instituto Superior de Arte. E existe uma série de outras atividades e cursos voltados para história e que são promovidos pelo Ministério da Cultura. Existem os museus, os arquivos... Sim, há bastante preocupação nesse sentido. Aliás, se vocês quiserem ajudar, eu lhes pediria que nos mandassem tudo o que fosse publicado por aqui.

Há cerceamento do que se pode ler, em Cuba?

Em outros tempos, de fato, os livros eram triados e, se fosse o caso, censurados. As obras consideradas "perigosas" eram guardadas. Hoje, em Cuba, você pode encontrar e ler o que quiser, de Marx a Trotsky. Tivemos, há pouco, um diretor na Biblioteca Nacional, um burocrata idiota, que se arrogou o direito de decidir o que o público deveria ler. Mas, felizmente, ele não durou muito no cargo.

Parece-nos que há uma preocupação muito grande em Cuba em se reestudar a cultura cubana...

Até os anos 70, ainda se considerava a cultura cubana como a soma dos valores artísticos da classe dominante. Em 1976, no Instituto Superior de Arte, fundou-se a cátedra de Cultura Cubana, onde trabalho. Lá nos propusemos a estudar a cultura tanto dos dominantes quanto dos dominados, dos palácios aos cortiços. Isso provocou uma reação de certa forma violenta, e os esquerdistas protestaram. Mas a Igreja foi favorável. Sou dos que acredito que não se pode falar da cultura cubana sem se estudar a cultura integral, de José Martí até Xangô. Como se integra tudo isso? Essa é a minha questão. Aliás, esse ano está se organizando o 1º Seminário de Sacerdotes Nagô, com a participação de um brasileiro, Mestre Didi.

Que lição o senhor tem a dar para os jovens historiadores de seu país?

Sou um homem de uma inteligência normal, e o êxito que obtive deve-se menos às minhas idéias do que às idéias alheias. Quer dizer, sou uma pessoa muito atenta àquilo que os outros falam, e uma reunião como esta que estamos fazendo aqui me enriquece muito, recolho tudo o que ouço e vou trabalhando esse material, incorporando-o ao meu conhecimento. Meu trabalho é todo dedicado à memória do comandante Ernesto "Che" Guevara, com quem tive a honra de trabalhar. Foi o homem mais forte que eu já conheci, e também a pessoa mais terna com quem já pude conviver. Esse era o seu segredo: saber que ternura não é debilidade, é força. E é isso que, basicamente, tento passar para os jovens.

Um documento pungente da Revolução

O lançamento de *O Espírito da Revolução*, de Saint-Just

Ao longo dos grandes processos que marcaram nossa civilização, alguns homens tornaram-se, além de personagens, testemunhas dos acontecimentos, eternizando, em textos de fina sensibilidade, o espírito de uma época. Louis Antoine de Saint-Just foi, definitivamente, um desses homens, como deixa claro a publicação, agora, deste *O Espírito da Revolução* (Editora UNESP, 168 páginas). Escrito em 1791, três anos antes de sua execução, aos 26 anos, juntamente com Robespierre, o livro é um documento pungente dos ideais daqueles que se arriscaram a deflagrar a revolução que sacudiu o mundo moderno.

Nascido em Decize, em 25 de agosto de 1767, Saint-Just fez seus estudos no Colégio Saint-Nicolas dos oratorianos, em Soissons, e no curso de Direito da Universidade de Reims. Leitor dos iluministas e admirador de Rousseau, foi dos mais

ardentes representantes do jacobinismo na Revolução Francesa e encarna o gênio dessa magnífica geração que ousou colocar por terra o Antigo Regime e reconstruir, em alguns anos, uma França nova.

Personagem polêmico, visto ora como um anjo, ora como monstro sanguinário, o importante é ressaltar o caráter testemunhal de sua obra. Seu agir e seu pensar devem, portanto, ser contextualizados na conjuntura revolucionária. Os seus escritos são a expressão da natureza apaixonada de um publicista que acredita na liberdade, na igualdade e na realização efetiva da justiça numa época tão carente dela. Escrito após os eventos que caracterizaram a revolução aristocrática de 1787 a 1788, *O Espírito da Revolução* expõe a perspectiva da consecução de uma revolução universal inspirada pelos acontecimentos franceses. Escrevendo sobre a experiência recente, Saint-Just analisa as característi-

cas perniciosas do Antigo Regime sobre a sociedade e examina as virtudes e as falhas da Constituição.

Partidário da igualdade política, defensor da soberania, como base necessária à constituição de um sistema representativo, escreveu sobre esses temas à luz dos acontecimentos revolucionários, dando vida e força à idéia democrática e republicana. Assim, *O Espírito da Revolução* não é apenas a obra de um homem de ação, mas, também, a de um pensador e de um teórico. Sua experiência revolucionária, suas considerações sobre as instituições políticas e sobre os costumes sociais, levam o seu leitor a vislumbrar a exequibilidade da concretização de uma ordem social mais justa e fraterna e possibilitam, ainda, pensar a edificação da democracia num processo de transição, no momento em que uma estrutura social esgota suas potencialidades e os homens arquitetam a nova sociedade.



Saint-Just: nem anjo, nem monstro

UNESP presente na
IV Bienal do Livro

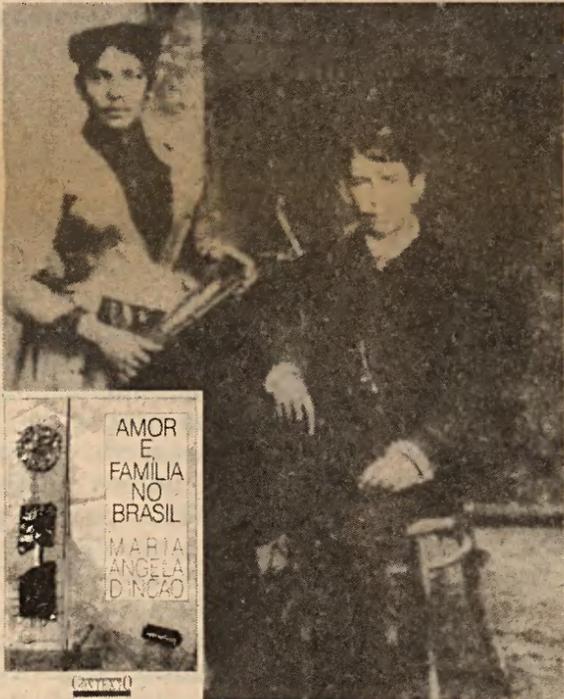
Entre os próximos dias 23 de agosto e 3 de setembro estará sendo realizada, no Rio de Janeiro, a IV Bienal Internacional do Livro. O evento, que este ano deverá ocupar uma área de 10.000 m², será promovido no Riocentro — Pavilhão Central, com o patrocínio do Sindicato Nacional dos Editores de Livros, e contará com a participação de editoras nacionais e estrangeiras.

A Editora UNESP estará presente a esse encontro dividindo um estande de 40 m² com a EDUSP — Editora da Universidade de São Paulo —, iniciando assim uma colaboração entre as editoras universitárias.

Com a sua participação na Bienal carioca, a Editora UNESP estará não só divulgando sua linha editorial mas, principalmente, possibilitando a um público amplo e diversificado conhecer a produção científica da Universidade, veiculada através das Revistas da UNESP.

O amor romântico, em oito ensaios

Desde que historiadores da família européia ocidental começaram a investigar as relações existentes dentro da chamada família nuclear atual e as compararam com o que teriam sido essas mesmas relações no passado, o tema do amor romântico tem recebido atenção especial de inúmeros pesquisadores acadêmicos. Na verdade, segundo acreditam, o amor romântico passou a ocupar um papel central nas relações familiares atuais. Nada mais oportuno, portanto, que a publicação, agora, desse *Amor e Família no Brasil* (Editora Contexto; 160 páginas; NCz\$ 18,00), coletânea de textos organizada por Maria



São Luiz do Paraitinga, 1890: representação do amor

Angela D'Incao. Originalmente, os oito trabalhos aqui enfileirados foram apresentados no 10º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), realizado em outubro de 1986, em Campos do Jordão, e se propõem a compreender e explorar as relações existentes entre amor — mais precisamente, o amor romântico — e a família dita burguesa.

Trabalho tipicamente interdisciplinar, *Amor e Família no Brasil* reúne diversas áreas de investigação, como a sociologia, antropologia, história, letras e psicanálise. O historiador Fernando Torres Londão (UFRGS) discorre sobre "O Crime do Amor"; Mary Del Priore, também historiadora (USP), detém-se no tema "O Corpo Feminino e o

Amor: um olhar"; a socióloga Maria Angela D'Incao (UNESP) aborda "O Amor Romântico e a Família Burguesa"; Miriam Moreira Leite, historiadora (USP), e Márcia Ignez Massaini (pós-graduanda em Letras pela USP), se debruçam sobre o tema "Representações do Amor e da Família". "Amor e Casamento no Século XX" é o assunto de que se ocupa a socióloga (UFRGS) Maria Helena Bueno Trigo. Claudia Fonseca, antropóloga (UFRGS), assina o capítulo "Pais e Filhos na Família Popular"; Ivete Ribeiro, socióloga, "O Amor dos Cônjuges: Uma análise do Discurso Católico"; e, finalmente, Luiz Meyer, psicanalista, ocupa-se do "Amor Irrealizado".

Assim, é possível identificar, ao longo do livro, principalmente nos trabalhos que versam sobre os séculos XVIII e XIX, não só a ocorrên-

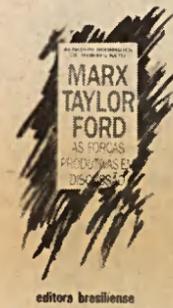
cia de mudanças significativas na maneira de amar como também na organização social distinta da pretendida pelo discurso civilizador. Da mesma forma, a natureza pública e a generalização e reincidência do concubinato e do incesto nos permite supor a presença de uma organização social onde essas uniões, tidas como ilegais, não o eram, como ainda não o são para muitos segmentos sociais contemporâneos. Em igual medida, a transformação do corpo feminino em matéria de pecado e de perdição, pelo discurso católico, reflete não só a própria concepção condenatória a respeito da sexualidade, mas também a existência de práticas de sexualidade aceitas pelos grupos sociais populares paulistas, às quais esse discurso se opunha. Em oposição a essa maneira de amar "pecaminosa" e "escandalosa", desenvolve-se o amor como estado de alma, restrito à idealização da alma e à supressão do corpo. Nessa mesma direção, a socióloga Maria Helena Bueno Trigo, através de entrevistas com descendentes da oligarquia cafeeira que se casaram antes de 1930, sugere a presença do discurso da livre escolha amorosa do cônjuge e da homogamia entre as camadas altas da sociedade paulista. Finalmente, num dos capítulos mais interessantes do livro, Ivete Ribeiro esclarece a posição da Igreja Católica no século XX com relação aos fins do casamento, revelando a não-aceitação plena dessa instituição do casamento como realização amorosa e sexual.

cia de mudanças significativas na maneira de amar como também na organização social distinta da pretendida pelo discurso civilizador. Da mesma forma, a natureza pública e a generalização e reincidência do concubinato e do incesto nos permite supor a presença de uma organização social onde essas uniões, tidas como ilegais, não o eram, como ainda não o são para muitos segmentos sociais contemporâneos. Em igual medida, a transformação do corpo feminino em matéria de pecado e de perdição, pelo discurso católico, reflete não só a própria concepção condenatória a respeito da sexualidade, mas também a existência de práticas de sexualidade aceitas pelos grupos sociais populares paulistas, às quais esse discurso se opunha. Em oposição a essa maneira de amar "pecaminosa" e "escandalosa", desenvolve-se o amor como estado de alma, restrito à idealização da alma e à supressão do corpo. Nessa mesma direção, a socióloga Maria Helena Bueno Trigo, através de entrevistas com descendentes da oligarquia cafeeira que se casaram antes de 1930, sugere a presença do discurso da livre escolha amorosa do cônjuge e da homogamia entre as camadas altas da sociedade paulista. Finalmente, num dos capítulos mais interessantes do livro, Ivete Ribeiro esclarece a posição da Igreja Católica no século XX com relação aos fins do casamento, revelando a não-aceitação plena dessa instituição do casamento como realização amorosa e sexual.

Equívoco pós-marxista

Saudado como um livro a um só tempo didático e audacioso, *Marx, Taylor, Ford: as forças produtivas em discussão* (Editora Brasiliense; 132 páginas; NCz\$ 13,00), de Benedito Rodrigues de Moraes Neto, chega, de fato, a surpreender por sua clareza e originalidade. O próprio autor, aliás, é o primeiro a reconhecer que "a perplexidade é a mãe deste trabalho".

Com a intensão básica de desenvolver a análise pós-Marx do processo de trabalho capitalista e fornecer uma alternativa que possa conter elementos que permitam caminhar no sentido de uma melhor compreensão do tema, Moraes Neto, professor de Economia da UNESP em Araraquara, sugere aqui que os estudiosos da análise marxista do processo de trabalho



equivocam-se quanto ao verdadeiro papel histórico das teorias de Taylor e Ford. Ao invés de entendê-las nos limites do gerenciamento da mão-de-obra em processos ainda não automatizados, estes economistas teriam atribuído ao taylorismo e ao fordismo *status* de reflexão e prática do capitalismo moderno.

Como explica Claudio Salm, na apresentação, o livro tem o mérito de "esclarecer a questão ao associar Taylor e Ford a processos de trabalho que, embora sobrevivam no capitalismo monopolista, não correspondem, logicamente, às tendências dominantes do avanço tecnológico".

Versão ligeiramente modificada da tese de doutoramento apresentada ao Instituto de Economia da Unicamp, em novembro de 1984, *Marx, Taylor, Ford...* procura lançar luz sobre o taylorismo e o fordismo, contrapondo-se à visão hegemônica que costuma predominar entre os críticos do capitalismo, caminhando no sentido de detectar as possíveis conseqüências dessa visão, cristalizadas na crítica às forças produtivas capitalistas.

Estatística na agricultura

Embora com algumas contribuições valiosas, a literatura brasileira sobre Estatística Experimental, voltada para a área de Ciências Agrárias, ainda é carente, sobretudo diante da sua grande abrangência e sua larga aplicação. É, portanto, extremamente oportuno o lançamento, agora, desse *Experimentação Agrícola*, dos professores David Banzatto e Sérgio



Kronka, ambos da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias da UNESP, campus de Jaboticabal, com larga experiência na área.

Redigido numa linguagem clara e precisa, a obra se constitui num guia seguro para a aplicação correta dos diferentes métodos e testes abordados. Da mesma forma, os exemplos apresentados traduzem bem a realidade, tornando-os essencialmente didáticos.

Os interessados na aquisição do livro devem enviar seus pedidos para: Fundação de Estudos e Pesquisas em Agronomia, Medicina Veterinária e Zootecnia. Rodovia Carlos Tonanni, km 5. CEP 14870 — Jaboticabal, SP.



Descoberto "anticoncepcional" para carrapatos

Induzindo a fêmea do carrapato a colocar ovos sem larvas, o DPVE-20 pode revolucionar as técnicas de combate a este ácaro.

Bichinho danado, esse carrapato. A cada ano ele desvia, em média, nada menos que 850 milhões de dólares dos bolsos de pecuaristas brasileiros, prejudicando a produção de couro, carne e leite em todo o país. E o pior: não havia, até agora, uma maneira eficiente de impedir que ele ocupasse os pastos e atacasse os animais. Por maiores que fossem as doses de veneno empregadas, novas gerações desses ácaros voltavam a atacar os rebanhos. Isso porque o combate sempre foi feito, principalmente, no momento em que o carrapato estava preso ao animal. Isto é, em sua fase adulta, o que não impedia o processo de reprodução.

O grande segredo, então, estaria na descoberta de uma droga que agisse sobre a fêmea, impedindo a sua gestação. E foi justamente aí que, mais ou menos por acaso, chegou o professor Tenório Vasconcelos, do Departamento de Patologia Veterinária da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV) do campus de Jaboticabal. Pesquisando um certo medicamento belga (cujo nome prefere manter em sigilo) para sua tese de doutorado, que versava sobre o combate às verminoses do boi, ele notou uma sensível diminuição de carrapatos nesses animais. A partir daí, aprofundou suas pesquisas em torno de um outro medicamento que tivesse ação "antiembriogênica" no carrapato. O resultado foi a droga que ele batizou de DPVE-20, um medicamento capaz de fazer com que a fêmea do carrapato ponha ovos vazios, isto é, sem larvas. "O mecanismo de ação da droga é desconhecido ainda", admite o professor, "e poderá, até mesmo, vir a ser matéria de estudos futuros aqui no departamento".

OS MALES DESSE ÁCARO

O carrapato (macho) é inofensivo aos bovinos, já que se alimenta apenas da descamação de tecidos e bactérias que ficam no seu couro. A fêmea é que causa sérios danos aos rebanhos, pois suga o sangue dos animais,

causando-lhes anemia e intoxicações. A carrapata é responsável ainda pela transmissão da babesiose (doença causada por um protozoário do gênero *Babesia*, que provoca hemoglobinúria nos bovinos), mais conhecida como "tristeza bovina".

O ciclo de reprodução dos carrapatos se dá na pastagem. A fêmea adulta, depois de sugar todo o sangue do boi de que é capaz, se desprende do animal e, no pasto, depois de três ou quatro dias, vai pôr seus 3.000 ovos. No vigésimo-sexto dia, as larvas eclodem, vão para a ponta do capim e, dali, passam para os animais. A partir desse estágio, as fêmeas evoluem para ninfas, depois para teleógenas e, quando caem no chão, já como partenógenas, porão mais 3.000 ovos e o ciclo recomeça.

O combate a esses ácaros é feito, atualmente, com banhos à base de organoflorados e organofosforados, por aspersão ou por imersão. Esse tipo de tratamento mata apenas 40% dos carrapatos. Por isso, a pastagem permanece infestada e o criador precisa, a cada quinze dias, dar novos banhos nos animais. "Com esse tipo de tratamento, é mantida a alta tensão ambiental de infestação", explica o professor.

As pesquisas feitas pelo professor Tenório não se baseiam, ainda, em resultados rigorosamente científicos, mas basicamente em resultados técnicos, em nível de campo. De acordo com o professor, os experimentos de campo foram realizados em cerca de trinta animais, administrando-se a droga por via oral. Com uma grande quantidade de bois, no entanto, esse procedimento torna-se impraticável, pois há uma perda muito grande do produto. "Esse ainda é o grande problema da droga", ele lamenta. "Preciso adaptá-la para ser aplicada via 'pour on', isto é aplicar o medicamento no lombo do animal, para que ele seja absorvido até cair na corrente sanguínea".



O professor Tenório Vasconcelos, da Jaboticabal, a os carrapatos: a descoberta acidental da droga antiembriogênica DPVE-20

FOTOS LILO CLARETO

MELHOR DESEMPENHO

Se, por um lado, o novo medicamento ainda apresenta problemas de aplicação prática, por outro, já demonstra bom desempenho. Seu período residual, por exemplo, é uma grata surpresa. "Faz dois meses e meio que fiz uma aplicação e há apenas quatro ou cinco carrapatos em cada animal", diz Tenório. "Isso faz com que a aplicação do DPVE-20 possa ser feita apenas a cada três meses, e não a cada dez ou quinze dias, como os outros medicamentos".

Com base em suas pesquisas de campo, Tenório cita ainda um outro ponto positivo do DPVE-20: sua baixa toxicidade. "Venho dando sobredoses do medicamento a animais e, tecnicamente falando, ele parece não exercer efeitos colaterais", afirma. Entre os sintomas agudos de intoxicação que poderiam ser notados nos animais, o professor relaciona a salivação e a cianose (azulamento das mucosas aparentes, por falta de oxigenação no sangue), ou, a médio prazo, alterações no cio, queda na produção de leite etc. "Além da carne e do leite, os outros medicamentos afe-

tam também o meio ambiente, já que a água utilizada nos banhos é jogada nos rios", ressalta.

Mesmo com tantas vantagens sobre seus concorrentes, o DPVE-20 não deverá estar nas prateleiras das casas especializadas tão já. "A viabilidade comercial dessa droga no Brasil vai depender de uma ação efetiva do governo", reconhece o professor. O sonho desse pesquisador — que nas horas vagas toca viola, berrante e anima rodeios — é que o medicamento seja distribuído pelas casas de agricultura de cada cidade e que a aplicação seja acompanhada por veterinários desse órgão governamental.

Ao contrário do que se possa pensar, no entanto, o carrapato não deverá ser totalmente erradicado do Brasil, até mesmo devido às dimensões do país. "Não temos a pretensão de acabar com os carrapatos e nem podemos, já que necessitamos deles para que haja resistência contra o protozoário *Babesia*", diz Tenório. "O boi precisa ter anticorpos contra a babesiose e, para isso, é necessário a presença de carrapatos".

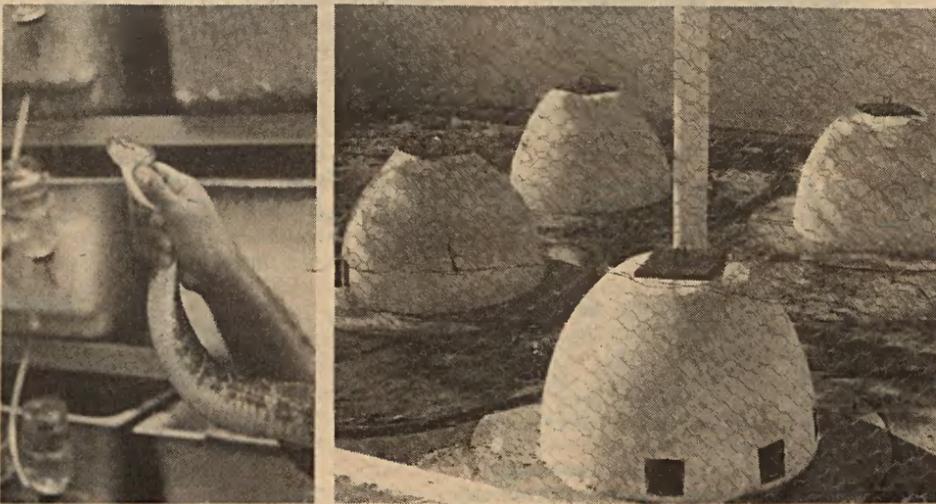
Denise Pellegrini Montes

"Projeto Cascavel" inaugura serpentário em Botucatu

Ao contrário do que muitos possam pensar, a cascavel é uma serpente extremamente dócil, tímida até, que faz o possível e o impossível para evitar agressões. O chocalho que leva na extremidade da cauda e que sacode ruidosamente ante a aproximação de alguma pessoa ou animal, aliás, é uma forma de prevenir eventuais vítimas. Porém, se estes cuidados todos não forem suficientes para afastar o incauto, seu ataque será fulminante: uma cascavel nunca erra o bote, e quando suas presas se fecham inoculam cerca de 50ml de um veneno poderosíssimo.

Foi pensando em conhecer melhor os hábitos e os efeitos do veneno da cascavel — ou *Crotalus durissus terrificus*, como foi batizada cientificamente — que o Departamento de Moléstias Infecciosas e Parasitárias da Faculdade de Medicina de Botucatu criou, no início deste ano, o "Projeto Cascavel". Dividido em duas partes — estudo clínico da avaliação dos doentes e estudo experimental em ratos —, o projeto inclui ainda um serpentário. Construído no Biotério Central da Faculdade, o serpentário ocupa uma área de 50m² e tem uma população de 12 serpentes.

Nesta primeira fase de trabalhos, como explica o professor Benerio Barraviera, coordenador do projeto, além do acompanhamento dos doentes, com avaliações neuroló-



Os efeitos do veneno crotálico, pesquisados na Faculdade de Medicina de Botucatu

gica, renal, hepática e das alterações na coagulação sanguínea, será desenvolvida uma linha de pesquisa experimental com venenos. "Como a maior parte das pessoas que sofrem acidentes com cascavéis aqui na região são atendidas no Hospital das Clínicas, nós podemos acompanhar de perto a evolução de cada caso e as diferentes manifestações dos efeitos do veneno", diz.

O habitat preferido da cascavel são as regiões secas e pedregosas, de clima quente. Uma serpente adulta mede, em média, cerca de 1,20m. Embora sejam responsáveis por apenas 15 a 20% do total dos acidentes com cobras (as jararacas, muito mais agressivas, por exemplo, causam mais de 60% dos casos), as cascavéis lideram as estatísticas dos casos mais graves, devido à potência de seu veneno.

CASO RARO

De acordo com o professor Barraviera, uma pessoa picada por cobra cascavel deve ser encaminhada o quanto antes a um hospital, para tratamento com soro anticrotálico. "Além de receber entre 200 e 300 ml desse soro, o paciente é submetido a uma diurese osmótica, isto é, é forçado a urinar, já que o veneno age sobre tudo nos rins", ele explica. Além de nefrotóxico, o veneno da cascavel é também neurotóxico e miotóxico — isto é, ataca o sistema nervoso central (provocando, por exemplo, a queda das pálpebras) e a musculatura óssea (desencadeando dores intensas nas fibras musculares). "Dos 40 pacientes atendidos aqui no hospital, nos últimos 8 anos, dois chegaram ao óbito, apresentando lesões nos rins. Um deles apresentou necrose hepática, que é extremamente rara nestes casos."

E foi justamente a partir desse caso, verdadeiramente incomum na literatura médica, publicado, inclusive, na revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical, que o professor Barraviera e sua equipe iniciaram a pesquisa "Avaliação Clínica dos Acidentes Causados por Serpentes do Gênero *Crotalus* em Doentes", que inclui, além do acompanhamento dos pacientes, experiências com a inoculação do veneno crotálico em ratos.

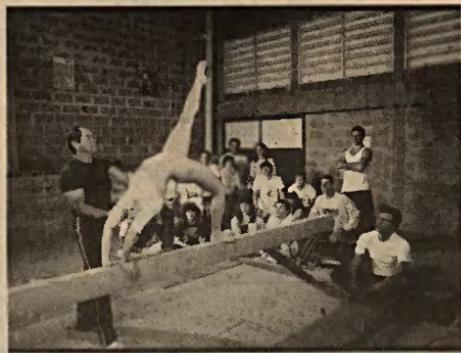
Festival reúne ginastas brasileiros e europeus

Difundir a prática da ginástica e da dança e promover o intercâmbio social e técnico entre seus praticantes. Foi com esses objetivos que o Instituto de Biociências (IB) do campus de Rio Claro realizou, entre os últimos dias 7 e 8 de julho, o II Festival de Ginástica e Dança, no Ginásio Municipal de Esportes "Felipe Karan". Para promover o desenvolvimento técnico e pedagógico da ginástica geral na América Latina, o IB realizou ainda, entre os dias 7 e 15 do mesmo mês, um curso internacional de ginástica para professores de todos os níveis e alunos de Educação Física.

Os eventos, promovidos pela UNESP, Prefeitura Municipal de Rio Claro, União Panamericana de Ginástica e Confederação Brasileira de Ginástica, receberam ainda o apoio da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, Federação Paulista de Ginástica e de diversas empresas rioclarenses.

Apresentaram-se no II Festival cerca de trinta grupos de diversos Estados do Brasil — Pernambuco, Goiás, Espírito Santo, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul —, pertencentes a clubes, escolas, universidades e prefeituras. Os grupos foram formados por um mínimo de cinco e um máximo de vinte ginastas ou bailarinos. Além dos grupos brasileiros, participaram do II Festival de Ginástica e Dança trinta ginastas dinamarqueses do "Belling Gymnasterne" e três saltadores alemães de trampolim acrobático (cama elástica). Todos os desportistas apresentaram-se sem caráter competitivo.

De acordo com o professor de Educação Física do IB, Fernando Brochado, organiza-



Brochado, o organizador: 140 inscrições

dor do evento, houve uma sensível melhora nesta segunda versão do evento. "Embora no ano passado tenhamos recebido setenta ginastas suecos, este ano conseguimos a participação de vários países, todos de nível elevadíssimo, e pelo menos o dobro de adesões de atletas brasileiros", garante.

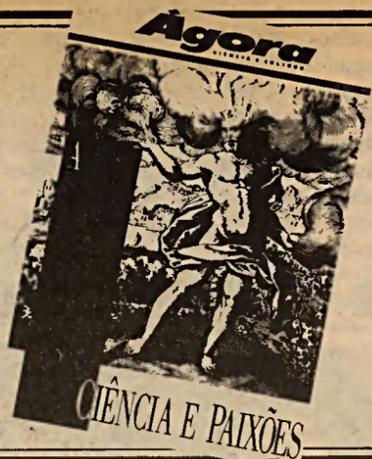
CURSO INTERNACIONAL

Como desdobramento do Festival de Ginástica e Dança, o departamento de Educação Física do IB programou também um Curso Internacional de Ginástica Geral, que foi ministrado por docentes da Dinamarca (Arne Hansen e Lykke Hansen), Itália (Giorgio Garuffi), Alemanha (Heinz-Peter Michels), Estados Unidos (Russell Mitchel) e Brasil (Fernando Brochado e Monica Brochado).

As áreas abrangidas pelo curso foram a ginástica escolar, ginástica de solo e ginástica rítmica. O curso teve 140 inscrições de alunos e professores de todo o país e até mesmo algumas adesões de outros países da América Latina.

ACI lança o jornal *Ágora*

Aspirando a contemplar a Universidade brasileira, em seu mais largo sentido, a Assessoria de Comunicação e Imprensa da Reitoria da UNESP lançou, durante a 41ª SBPC, a edição experimental do jornal *Ágora*. Bimestral, o jornal pretende reportar e debater tendências importantes do terreno da cultura. Nesta edição, *Ágora* traz, como matéria principal, um debate em torno do tema "Ciência e Paixões".



Curso de alfabetização de adultos

Entre os próximos dias 14 e 17 de agosto, a Faculdade de Ciências e Letras, campus de Assis, estará promovendo a oficina cultural "Alfabetização de Adultos — Teoria e Prática". O curso, inteiramente gratuito, será ministrado pelo Grupo de Pesquisa e Alfabetização de Adultos e destina-se, preferencialmente, a professores e alunos da área.

Os interessados podem fazer suas inscrições nos Departamentos de Linguística e de Educação daquele campus, entre os dias 4 e 11 de agosto. Maiores informações podem ser obtidas pelo telefone (0183) 22-2310.

VOCÊ QUER SER O REPÓRTER DO SEU CAMPUS?

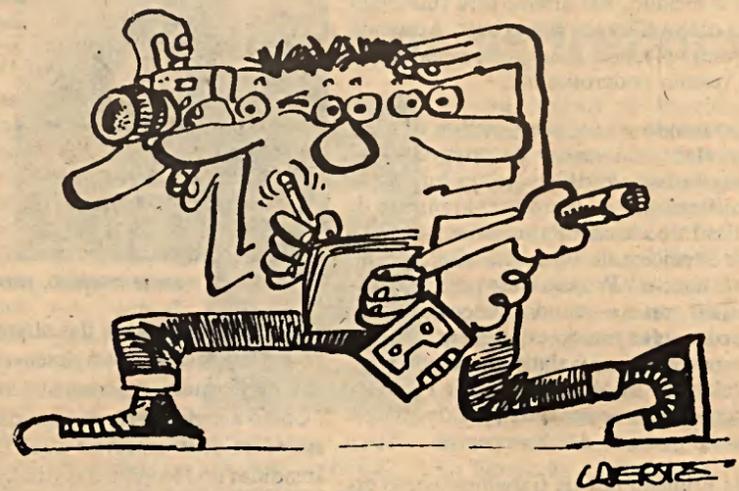
Atenção alunos dos *campi* de Araçatuba, São José do Rio Preto, Presidente Prudente, Marília, Botucatu, Ilha Solteira, São José dos Campos e Guaratinguetá. Se você tem interesse em jornalismo científico e cultural, ainda há uma chance para se inscrever no concurso Repórter do Campus e ser correspondente da Assessoria de Comunicação e Imprensa.

A escolha deverá obedecer às seguintes etapas:

- O candidato deverá enviar sua proposta de inscrição, incluindo um texto-reportagem inédito sobre alguma atividade acadêmica (científico-cultural) da Universidade.
- Junto com o texto da reportagem, deverá mandar ainda os seguintes dados: nome, número do RG e curso que está fazendo. Mencionar, se houver, experiências anteriores em jornalismo (profissional ou amador).

Os candidatos de Assis, Bauru, Jaboticabal, Franca, Araraquara e Rio Claro já foram selecionados e receberam suas respostas. Só falta você!

O material deve ser enviado para: Assessoria de Comunicação e Imprensa da UNESP/Seleção Repórter do Campus — Praça da Sé, 108 — 4º andar — CEP 01001 — São Paulo — SP



AGENDA

ARAÇATUBA

• 26 e 27/8. Cinema: "Coração de Cristal." Promoção da Associação dos Servidores do Campus de Araçatuba.

ARARAQUARA

• 9 a 16/8. Filmes, na FCL: "Comemorando a Revolução Francesa." Promoção do Departamento de Sociologia.
• 14 a 20/8. Curso, na FO: "43ª Jornada Odontológica Internacional." Promoção do Diretório Acadêmico.
• 23/8. Conferência na FCL: "Mulher, Psicanálise e Cinema." Promoção do Departamento de Sociologia.

ASSIS

• 1/8 a 30/12. Curso de Capoeira. Promoção do Diretório Acadêmico.
• 2/8 a 2/9. Mostra: Exposição de Fotografias. Promoção do Departamento de História.
• 12/8. Dança, com o Corpo da Baile ADAMAC: "Momentos." Promoção do Departamento de História.
• 12/8 a 12/10. Curso: "Projeto de teatro e expressão artística." Promoção da Comissão Setorial Cultural.
• 12/8 a 12/10. Curso: Projeto "UAU". Promoção da Comissão Satorial Cultural.
• 12/8 a 11/11. Palestra: Ciclo "Teoria e Prática Teatral". Promoção do Departamento de Letras Modernas.
• 19/8. Concerto: Orquestra Sinfônica Jovem do Estado. Promoção da Comissão Setorial Cultural.
• 25/8. Palestra: "Solitário de Amor", de Cristina Peri Rossi.
• 30/8. Concerto de Fagotes. Promoção do Centro de Estudos Históricos.

BAURU

• 20 e 21/8. Teatro, na FAAC: "De Shakespeare a Brecht." Promoção do Departamento de Artes.
• 29/8. Palestra, na FC: "Pasquias sobre estados subjetivos." Promoção do Departamento de Psicologia.

BOTUCATU

• 1 a 31/8. Palestra a Cinema, na FM: Ciclo Wagneriano: "O anel dos Nibelungos." Promoção do Departamento de Patologia.
• 1/8 a 30/11. Curso, exposição a música, na FM. Promoção da Comissão Setorial Cultural.
• 3/8. Musical, no IB. Grupo Tule. Promoção da Comissão Setorial Cultural.
• 14/8. Recital Musical, no IB: Grupo Dois de Paus. Promoção da Comissão Setorial Cultural.
• 18/8. Projeto Lua Cheia, na FCA. Promoção do Diretório Acadêmico de Agronomia.

FRANCA

• 20/8. Palestra: "História e Literatura." Promoção do Departamento de Estudos Históricos Básicos.
• 21 a 25/8. Curso de Extensão: "Cultura Material." Promoção do Departamento de Estudos Históricos Básicos.
• 30/8. Debate: "A Revolução Francesa pelo Cinema: Danton, La Nuit de Varenne; Ligações Perigosas." Promoção do Departamento de Serviço Social.

GUARATINGUETÁ

• 24 e 25/8. Seminários de Engenharia Aplicada. Promoção do Departamento de Energia.

ILHA SOLTEIRA

• 15 a 18/8. "I Simpósio sobre Aducação e Qualidade dos Produtos Agrícolas." Promoção do Departamento de Agricultura.

MARÍLIA

• 1/8 a 30/12. Palestras: "História da Cultura." Promoção do Departamento de Biblioteca e Documentação.
• 1/8 a 30/12. Grupos de Estudos: Oficinas e Estudos Teatrais. Promoção da Diretoria.
• 8/8. Concerto: "Os anos loucos — anos 20." Promoção do Diretório Acadêmico "XV de Março."
• 16/8. Audição: Recital de Violão. Promoção do Departamento de Psicologia da Educação.
• 23 e 24/8. Depoimentos: "Movimento estudantil: alternativa de pressão popular?". Promoção do Diretório Acadêmico "XV de Março" e Comissão de Estudos Políticos.

PRESIDENTE PRUDENTE

• 4 e 5/8. Palestra: "Aplicação da Teoria Raichiana à Educação." Promoção do Departamento de Educação.
• 20 a 25/8. Curso de Vídeo. Promoção do Departamento de Geografia Humana e Regional.
• 25 e 26/8. Ciclo de Debates: "Arte, conhecimento a verdade." Promoção do Departamento de Educação.
• 28/8 a 2/9. "1ª Semana de Cartografia da UNESP." Promoção do Departamento de Cartografia.

RIO CLARO

• 1/8 a 30/11. Vivência Prática, no IB: Grupo de atividades expressivas verbais e não verbais. Promoção do Departamento de Educação Física.
• 8 a 10/8. Palestra, no IB: "Etologia da relação mãe-criança no ser humano." Promoção do Centro de Estudos Biológicos.
• 9/8 a 22/11. Ciclo de Estudos, no IGCE: "Redação e referências bibliográficas." Promoção da Divisão Técnica Acadêmica.

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

• 21 a 25/8. Laboratório: "16º Colóquio de Incentivo à Pesquisa." Promoção do Diretório Acadêmico "Filosofia."

SÃO PAULO

• 1/8 a 30/9. Exposição e Palestras: "Mitopoeias — Liguagem plástica e pós-modernidade." Promoção do Departamento de Expressão e Comunicação.
• 1/8 a 30/12. Criação Plástica: "Estilos e Movimentos." Promoção do Departamento de Expressão e Comunicação.
• 5 a 15/8. Palestra: "São Paulo hoje." Promoção do Departamento de Expressão e Comunicação.
• 23 a 25/8. Artístico-Musical: "V Concurso Ritmo e Som." Promoção de Departamento do Música.

TESES, DISSERTAÇÕES E CONCURSOS

DOCENTES

• **Sérgio Paulo do Carmo Alves** (FCT-Presidente Prudente): "Os parceliros do Jamarí — A produção do espaço agrário em Ariquemes — Rondônia (Amazônia Ocidental)." **Banca:** Antonio Rocha Pentead, Iraci Gomes de Vasconcelos Palheta e Olga Tulik. **Mestrado**, dia 7 de junho, na FFLCH/USP.

• **Nelson Buck** (FCT-Presidente Prudente): "Alguns aspectos da biologia do Pintado, *Pseudoplatistoma corruscans* (Osteichthyes, Pimelodidae)." **Banca:** Augusto Abe, Sâmia Maria Tauk, Octávio Freire, Alvanir de Figueiredo e Oswaldo Cesar. **Livre-docência**, dias 19, 20 e 21 de junho, na FCT.

• **Roseli Aparecida Martins Coelho** (FFC-Marília): "A cidadania do trabalhador rural." **Banca:** Octávio Ianni, Francisco de Oliveira e Maurício Tratemberg. **Mestrado**, dia 30 de junho, na PUC-SP.

• **José Celso Moreira** (IQ-Araraquara): "Propriedades da sílica gel modificada com 2-mercaptobenzimidazol e sua aplicação na extração de íons metálicos." **Banca:** José Zuanon Netto, Claudio Atroldi, Douglas Wagner Franco, Johannes Rudiger Lechat e Antonio Eduardo Mauro. **Livre-docência**, dia 5 de julho, no IQ.

ALUNOS

• **Wilson Antonio Teixeira** (IGCE-Rio Claro): "As transformações do espaço agrário do Paraná, com a introdução da Agricultura Energética Canavieira." **Banca:** Silvio Carlos Bray, Vera Mariza Henriques de Miranda Costa e Yoshiya Nakagawara Ferreira. **Mestrado**, dia 8 de junho, no IGCE.

• **Vera Maria Favila Miorin** (IGCE-Rio Claro): "Modo de produção e organização do espaço agrário, uma abordagem teórica — metodológica." **Banca:** Miguel Cezar Sanchez, Beatriz Maria Soares Pontes, Maria Adélia Aparecida de Souza, Manoel Fernando Gonçalves Seabra e Ariovaldo Umbelino de Oliveira. **Doutorado**, dia 14 de junho, no IGCE.

• **Josemar de Lima Oriani** (IB-Botucatu): "Estudo cromossômico de uma translocação em caprinos." **Banca:** Wilham Jorge, Sanae Kasahara e Rinaldo Polastre. **Mestrado**, dia 22 de junho, no IB.

• **Ricardo Fernando de Castro Peres** (IB-Rio Claro): "Os RNAs ribossômicos dos tripanossomatídeos." **Banca:** Romeu Cardoso Guimarães, Domingos Alves Meira, Carlos Renato Corso, Mário Sérgio Palma e André Luiz Perondini. **Doutorado**, dia 22 de junho, no IB.

• **Irene Bastos Franceschini Vicentini** (IB-Botucatu): "Contribuição ao estudo morfológico do rim de cobaça (*Ca via porcellus*, L.). Estrutura microscópica, angioarquitetura e ultra-estrutura." **Banca:** Antonio Marcos Orsi, Luiz Antonio Correia e Jair de Campos Soares. **Mestrado**, dia 30 de junho, no IB.

CONCURSOS

• **Wagner Lavezzo** (FMVZ-Botucatu). **Banca:** Aristeu Mendes Peixoto, Flávio Baccari Junior, Hugo Tosi, Esleibe Ghion e Aleksandrs Spers. **Dias 23 e 24 de maio**, na FMVZ.

• **João Carlos de Oliveira** (FCAV-Jaboticabal). **Banca:** Ernesto Paterniani, Oswaldo Pereira Godoy, Darcy Martins da Silva, Dilermando Percin e Luiz Carlos Donadio. **Dias 29 e 30 de maio**, na FCAV.

• **José de Arruda Pentead** (IA-São Paulo). **Banca:** Amelia Americano de Castro, Celso de Rui Beisegel, José Carlos de Araújo Melchior, Maria Cecília de Oliveira Micotti e Mirthes da Fonseca Pinto. **Dias 5, 6 e 7 de junho**, no IA.

• **Alirio de Carvalho** (IQ-Araraquara). **Banca:** Rubens Molinari, Alcides Serzedello, Antonio Carlos Garros Stort, Milton Accetozzi e Gilberto Luiz Pozzetti. **Dia 22 de junho**, no IQ.

• **Paulo Gunter Windisch** (IBILCE-São José do Rio Preto). **Banca:** Walter Radames Accorsi, Berta Lange de Morretes, Arildo Bueno Rocha, Hermione Elly Melara de Campos Bicudo e Paulo César Naoum. **Dias 26 e 27 de junho**, no IBILCE.

RDIDP: opção e responsabilidade

MAURO A. RULLI



O regime de trabalho dos seus professores pode ser um dos maiores obstáculos à efetiva constituição de uma universidade. Nas universidades públicas é significativo, ainda, o número de professores que não lhe dedicam senão aquelas poucas horas que correspondem à ministração de aulas e à correção de provas.

Essa situação parece decorrer, em parte, da crônica defasagem salarial dos professores universitários. Entretanto, se boa parte dos professores ganha pouco, também trabalha pouco, na universidade. É preciso ressaltar, contudo, que em qualquer parte os professores universitários ganham menos que os profissionais liberais bem-sucedidos.

Portanto, a questão da dedicação integral à docência e à pesquisa não deve ser encarada apenas do ponto de vista salarial, mas principalmente como uma filosofia de vida. E mais, as crises econômicas não justificam a perda de valores éticos e morais, mas, ao contrário, são nessas ocasiões que eles necessitam ser preservados.

A fundamental diferença que existe entre, de um lado, escolas de 1º e 2º graus, e, de outro lado, escolas de 3º grau, não é — como poderia parecer — uma diferença apenas de "grau"; em outras palavras, não é uma diferença apenas quantitativa, é também qualitativa. A universidade tem uma natureza diferente das escolas primárias e secundárias. Enquanto estas dedicam-se preponderantemente à formação do aluno por meio de transmissão de informações e formação de hábitos, aquela destina-se principalmente a criar ciência, a transmitir

la e divulgá-la. E à formar profissionais, também, mas fundamentalmente a criar ciência ou, em sentido mais amplo e preciso, a criar cultura.

A universidade que não cumpre esse papel fenece.

Não será demais afirmar que a investigação científica ou a reflexão humanística tem que se tornar pública, para que a sua qualidade possa ser julgada e seus resultados utilizados por outros pesquisadores, ou ainda, que o conhecimento produzido não tem valor se não for divulgado. Ele deve ser transferido à sociedade, que o saberá utilizar podendo até mesmo gerar um novo conhecimento.

Sendo assim, as condições que cercam o trabalho do professor universitário — aí compreendido o regime — são de fundamental importância. Somente quando o magistério superior encontra ou cria condições que lhe permita romper com a dicotomia entre a atividade universitária e as demais atividades é que começa a nascer uma verdadeira universidade.

Em outras palavras: para que uma escola de nível superior seja digna desse nome, é preciso que os professores nela vivam e vivam.

Todavia, é preciso saber interpretar a necessidade básica que tem uma universidade de ser, cotidianamente, o encontro de professores e alunos. Seria incorreto supor que todos os professores devam ter, sempre, dedicação integral.

O núcleo fundamental do Departamento — concebido como a unidade básica de produção e divulgação científica da universidade — deve ser constituído, evidentemente, de maioria de pessoal com tempo integral; em torno dele, porém, alargando-se em círculos concêntricos, progressivamente rarefeitos, devem ser admitidas outras formas de vinculação, não excluída de ante-

mão qualquer possibilidade. A razão dessa abertura é óbvia: uma universidade que tivesse todos os professores, sempre, exclusivamente encerrados entre quatro paredes, também acabaria por fenececer.

Uma universidade precisa atualizar-se constantemente e não pode constituir-se numa redoma de vidro que encerra e isola os eleitos num Olimpo de racionalidade e pureza, preservando-se das incoerências e agruras do mundo lá fora. Ela precisa ter os seus professores — os velhos e os moços — magnetizados no seu labor, mas precisa ter também — evidentemente que não em regime de dedicação integral à docência e à pesquisa (o RDIDP, como é chamado) — docentes carregados do êxito do mundo profissional. Só assim a produção científica e o ensino universitário terão o caráter de universalidade que lhes deve ser apanágio; só assim, no cotidiano acadêmico, a teoria dos conceitos poderá ser confrontada com as ações.

Penso que o núcleo de dedicação integral é o presente e o futuro da universidade, é o grupo que encarna o projeto de vida que a universidade significa, é a estrutura que sustenta e faz avançar a instituição.

Os círculos de professores em R.T.C. e R.T.P., devem ser instrumentos utilizados pelo núcleo básico para cumprir sua missão, são um ponto de referência para as limitações e aspirações do ensino e da pesquisa — e, nessa condição, são também a universidade. Mas, para isso, é essencial que os Departamentos, através dos seus docentes, assumam verdadeiramente o papel que lhes cabe, dentro do regime de trabalho que cada um optou.

O autor, professor Mauro Airton Rulli, é docente da Faculdade de Odontologia — campus de Aracatuba, e presidente da Comissão Permanente de Regime de Trabalho (CPRT).

Participação, participações

J.A. GUILHON ALBUQUERQUE

A idéia de participação tem servido de alavanca para as mais diversas iniciativas, nem sempre pertinentes. Formas precisas de participação, sobretudo no que diz respeito ao exercício do poder local, são um complemento indispensável à representação democrática. Sobre os avanços possíveis neste particular voltaremos num próximo artigo.

Entretanto, uma certa incompreensão sobre os mecanismos democráticos de representação tem provocado efeitos nefastos sobre nossas instituições, particularmente porque desqualifica o mandato representativo e, além disso, tende a suscitar nas autoridades o hábito de eximir-se de decisões.

Para tanto, a moda das eleições diretas em instituições e serviços públicos tem colaborado, e muito. O Departamento de Ciência Política da USP apresentou à Congregação da Faculdade de Filosofia, a esse respeito, as seguintes ponderações que acho importante divulgar:

1. É indiscutível que a idéia de soberania popular baseia-se essencialmente em que toda autoridade emana da escolha dos cidadãos, princípio que se identifica com as democracias modernas. Entretanto, na escolha de autoridades institucionais não está em jogo o princípio da cidadania. Dentro de uma sociedade complexa as instituições têm funções específicas, e é em virtude dessas funções e não em decorrência do princípio de igualdade formal entre seus membros — que se deve discutir a forma mais adequada de escolha da autoridade.

2. A especificidade da instituição universitária repousa na sua função de produção e reprodução do saber. A gestão de uma instituição como a universidade deve, portanto, maximizar as condições de realização dessas funções especificamente acadêmicas. Ao contrário da legitimidade dos governos, a autoridade acadêmica repousa precipuamente no melhor desempenho dessas funções.

3. Numa universidade, o direito de cidadania é ferido quando critérios outros, que não o da excelência, interferem no livre acesso aos estudos, à pesquisa, à carreira e à livre manifestação do pensamento. Não é por meio da escolha direta e igualitária que nela se garante, de um lado, o exercício da cidadania e, de outro lado, a legitimidade do governo universitário.

4. A universidade é composta por um corpo permanente de professores e pesquisadores, um corpo transitório de alunos e por um funcionalismo. Essas categorias se relacionam de forma muito desigual com as funções precípuas da universidade. Confiar a gestão da universidade apenas a essas três categorias, tão hierarquizadas internamente e tão heterogêneas entre si, redundaria num governo pautado pelo único interesse suficientemente geral para unificá-las: o interesse corporativo.

Se o "governo dos sábios" não garante a universidade contra a tentação corporalista, ao invés de multiplicar os corporatismos, a verdadeira democratização exigiria sua abertura à participação de setores da sociedade civil.

5. Por todas essas razões concluímos que o princípio da soberania popular não se aplica ao processo de escolha de dirigentes universitários.

Somos favoráveis a uma participação ampliada dos diferentes corpos e níveis hierárquicos. Somos favoráveis ao princípio da consulta, desde que não resulte numa demissão das responsabilidades da autoridade legítima. Somos, entretanto, contrários a qualquer consulta que resulte num mecanismo de pressão tal que transforme um colégio eleitoral legítimo numa câmara meramente homologatória.

A congregação e os conselhos de departamento obedecem a mecanismos complexos e precisos de representação: neles se combinam o princípio hierárquico (representações de categorias docentes); funcional (os presidentes de comissões); federativo (os departamentos); corporativo (alunos e funcionários). Qualquer consulta que, longe de levar em conta essas especificidades, banalizasse a complexidade da representação por meio de mecanismos pretensamente democráticos, representaria um retrocesso.

Uma consulta legítima, ao contrário, seria aquela em que cada um dos detentores de mandato consultasse seus respectivos constituintes. Sem o que, seria a falência do princípio de representação, a forma consagrada de exercício da igualdade política nas democracias.

O autor, professor José Augusto Guilhon Albuquerque, é chefe do Departamento de Ciência Política da USP. O artigo acima foi originalmente publicado na "Folha de São Paulo".

Campus de Franca privilegia área de Humanas

Instalada em um prédio de 12 mil m², no centro de Franca, cuja construção remonta a 1888, a Faculdade de História, Direito e Serviço Social (FHDSS) iniciou suas atividades, como instituto isolado, em 1962, com a denominação de Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Com a criação da UNESP, em 1976, a Unidade passou a Instituto de História e Serviço Social e, em 1984, com a instalação do curso de Direito, ganhou a sua denominação atual.

Uma das características dessa Unidade, localizada a poucos quilômetros da fronteira com o Estado de Minas Gerais, é o fato de apresentar cursos para as três áreas da graduação — História, Direito e Serviço Social — também no período noturno. Para o diretor da Faculdade, professor Antônio Quelce Salgado, esse dado é de extrema importância. “Assim, atende-se uma clientela que, de outra forma, não poderia fazer um curso superior, já que precisa trabalhar durante todo o dia”, ele afirma. De fato, o período noturno conta com 470 alunos, contra 270 no período diurno. Ainda de acordo com o professor Quelce, outro ponto fundamental nesse fato é o maior aproveitamento tanto do corpo docente e do técnico-administrativo, como dos laboratórios, biblioteca, salas de aula e equipamentos. “Isso é possível, principalmente, por se tratar de uma Unidade dedicada somente à área de Humanas”, ele diz.

O ensino de História é oferecido em duas modalidades: licenciatura e bacharelado, hoje, respectivamente, com 202 e 48 alunos. São 20 vagas para licenciatura no período matutino e 60 para licenciatura e bacharelado, no período noturno. Quanto à pesquisa, voltada principalmente à reflexão crítica da estrutura e da conjuntura social, política, cultural e econômica da sociedade, a FHDSS oferece, desde 1980, seu curso de pós-graduação em mestrado “História da América Latina Colonial”, com 24 professores e orientadores e 23 alunos.

Para atender a um maior número de interessados, o curso de pós-graduação em História deverá passar por uma reestruturação. Para o próximo semestre, segundo Antônio Quelce, a área de pós será “Relações Sociais: Cultura e Ideologia”, com três linhas de pesquisa: sociedade e trabalho, sociedade e política e instituições e representações na América Latina. “A perspectiva é muito promissora, sobretudo por ampliar a participação de nossos docentes”, diz o historiador Walter Cardoso, do departamento de Estudos Históricos Básicos. Cardoso, que está desenvolvendo uma pesquisa sobre a história das ciências no Brasil colonial, esteve dois meses na Universidade de Coimbra, em Portugal, onde, segundo afirma, “existem muitos documentos sobre o nosso país, que os historiadores poderiam utilizar”.

Um significativo trabalho de assistência a professores da Rede Oficial de Ensino é desenvolvido pelo Centro de Apoio ao Estudo da História. “Além de programar cursos para reciclar o conhecimento dos



Acima, a capela herdada do colégio Nossa Senhora de Lourdes, que será aberta à comunidade. Ao lado, o diretor da FHDSS, Antônio Quelce Salgado: 470 alunos no período noturno

professores da Rede, o Centro publica, para esse público, livros paradidáticos”, explica Milza Bruxelas Peixoto, uma das dez professoras integrantes da equipe. São doze títulos, editados na própria gráfica da Faculdade, que faz parte da série “História e Ensino”. “A série já não foi solicitada, inclusive, pela biblioteca do Congresso de Washington”, lembra Milza Peixoto.

DIREITO: CURSO RECONHECIDO

O curso de Direito, reconhecido há um mês pelo Conselho Federal de Educação, tem o mérito de ser o segundo oferecido em caráter público e gratuito no Estado de São Paulo, e tem duração mínima de cinco anos.

Pela crescente qualificação dos seus docentes, a FHDSS já tem um projeto para a implantação do curso de pós-graduação em Direito. “Para um curso que formou sua primeira turma há um ano e já conta com seu corpo docente totalmente voltado para a busca da qualificação na carreira, a existência da pós-graduação torna-se indispensável”, avalia o professor Carlos Eduardo Boucault. “O curso de Direito requer uma constante atualização, principalmente agora, com as mudanças na Constituição Federal, onde temos uma Carta que merece extensas avaliações.”

A partir do 4º ano do curso, o aluno de Direito inicia seus estágios e a prática forense sob a orientação de um professor. “A prática da profissão para o aluno vem, por exemplo, quando ele comparece a uma audiência no Fórum e deve elab-

orar um relatório, através da qual aprende a parte técnica da redação, ou seja, da peça processual”, explica o professor Carlos Boucault.

Como nos demais cursos da FHDSS, os alunos de Direito também têm seu Centro de Estudos. “Estamos envolvidos em um projeto para implantação de um escritório experimental de advocacia para atender a população carente, o que também contribui para complementar a parte teórica do curso”, conta o aluno do 2º ano e membro do Centro de Estudos Jurídicos, Eder Clai Ghizzi. Outro passo para a prática profissional é o que o professor Boucault vem fazendo junto aos alunos do 5º ano: uma monografia para o levantamento da situação jurídica do menor no Brasil. Segundo o professor, essa pesquisa já serviu, inclusive, como sugestão à elaboração da Constituinte Estadual.

500 EMPRESAS PARA ESTÁGIOS

Se o curso de Direito da FHDSS é um dos dois únicos oferecidos em universidades públicas do Estado de São Paulo, o de Serviço Social não tem similar. “Temos aqui alunos de várias regiões do Estado, como também de Minas Gerais, o que demonstra seu reconhecimento”, afirma a chefe do Departamento de Serviço Social, professora Neide de Souza Leheld. Como se trata de uma área que depende basicamente da prática, o curso de Serviço Social de Franca mantém um setor de estágio para atuação dos alunos de 3º e 4º anos. “Temos 76 campos de estágios em toda a região, incluindo

instituições públicas e privadas”, diz a professora Leheld.

Sendo Franca o maior centro produtor de calçados do país, com cerca de 500 empresas, os futuros assistentes sociais têm aí um vasto campo para aplicarem seus conhecimentos. Essa realidade industrial, aliás, acabou originando o núcleo de pesquisa “Serviço Social: trabalho e vida operária”. “São vários

projetos, desde a formação do proletariado em Franca até o fortalecimento dos sindicatos, saúde do trabalhador e o aproveitamento da mão-de-obra do menor”, salienta a professora. Além disso, são assinados convênios com as empresas, para que elas remunerem os alunos pelo estágio realizado. “Isso estimula o aluno na definição das áreas em que irá se especializar, com a própria abertura do mercado de trabalho”, finaliza Neide Leheld.

CAPELA, SALÕES NOBRES E BIBLIOTECA

Por ter se originado em um antigo colégio de freiras, o Nossa Senhora de Lourdes, a Faculdade de História, Direito, e Serviço Social do campus de Franca apresenta ainda em sua estrutura algumas características da época. É o caso de uma capela que, atualmente, está passando por um recuperação arquitetônica para visitação pública. “É um presente à comunidade por estar o prédio completando o seu centenário”, lembra Antônio Quelce. “Esta capela tem a melhor acústica da cidade.”

Há ainda dois salões nobres, com capacidade para receber 100 e 200 pessoas, e treze salas de aula. Toda essa estrutura física é utilizada para eventos culturais e acadêmicos, principalmente as tradicionais Semanas de História, Direito e Serviço Social.

A Biblioteca da Faculdade, que ocupa um espaço de 1.500m², conta com um acervo de 36.200 volumes de livros, 311 títulos de periódicos e 10.497 fascículos. Em seu interior, há várias salas para leitura individual e coletiva. O curso de História possui, na biblioteca, seis leitoras de microfilmagem e uma mapoteca aproveitada pela área de cartografia histórica. “Aqui, são feitas cerca de 3.200 consultas mensais e 1.800 retiradas”, afirma a bibliotecária Lucilene Ferreira de Paula.

Adriana Machado

FACULDADE DE HISTÓRIA, DIREITO E SERVIÇO SOCIAL

FUNCIONÁRIOS	Número Total	98
GRADUAÇÃO		
CURSOS	Nº DE ALUNOS	
DIREITO	314	
SERVIÇO SOCIAL	168	
HISTÓRIA/LICENCIATURA	202	
HISTÓRIA/BACHARELADO	048	
TOTAL	732	
ESTRUTURAS DEPARTAMENTAIS		
DEPARTAMENTOS		
EDUCAÇÃO		
DIREITO		
ESTUDOS HISTÓRICOS BÁSICOS		
HISTÓRIA SOCIAL, POLÍTICA E ECONÔMICA		
SERVIÇO SOCIAL		
DOCENTES		
REGIME DE TRABALHO	Nº DE DOCENTES	
RDIDP	69	
RTC	16	
RTP	06	
TOTAL	91	

Campus de Franca — Rua Major Claudiano, nº 1488 CEP 14.400 Franca SP — Fone (016) 722-6222